

qUNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

MARINÊS MARIA DOS SANTOS

REPORTAGEM MULTIMÍDIA “CYBERBULLYING: VIOLÊNCIA VIRTUAL”

MACEIÓ

2020

MARINÊS MARIA DOS SANTOS

REPORTAGEM MULTIMÍDIA “CYBERBULLYING: VIOLÊNCIA VIRTUAL”

Relatório Técnico apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Laís Falcão Barros de Almeida

MACEIÓ

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade – CRB-4 - 1251

S237r Santos, Marinês Maria dos.

Reportagem multimídia “cyberbullying: violência virtual” / Marinês Maria dos Santos.
– 2020.

54 f.

Orientadora: Laís Falcão Barros de Almeida.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Bacharelado em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 48-51.

Anexo: f. 52-54.

1. Webjornalismo. 2. Jornalismo – Multimídia interativa. 3. Cyberbullying -
Reportagem. I. Título.

CDU: 070

Para minha família (mãe, pai, irmãos, sobrinhos e cunhados) que são a luz dos meus olhos e todo o meu coração.

AGRADECIMENTOS

Após mais de quatro anos de aprendizado e abdicções, finalizar um trabalho como este é avançar para uma nova fase da vida. É deixar para trás, mas não esquecidos, tantos momentos de luta, solidão e práticas dentro da universidade. Um período de amadurecimento, para uma menina sonhadora do interior, que ousou realizar o que mais queria, se tornar uma jornalista, apesar de toda adversidade e hostilidade em que se deparou no caminho. A escolha do tema deste trabalho se deu após me deparar tantas vezes com hostilidade, agressão gratuita e *bullying* grande parte da vida. Nunca entendi como uma pessoa pode ser capaz de ter um comportamento tão repugnante para com o outro, simplesmente por se achar melhor, superior ou que a outra pessoa não merece o devido respeito. Para mim, o tema faz parte de uma discussão atual, necessária, para que as pessoas entendam que o outro tem os mesmos direitos e que reflitam quanto à importância da empatia e deferência pela vida, espaço e vivência de cada um. Foi uma experiência muito dolorosa ouvir os relatos e perceber a crueldade que impera no mundo e que se estende de forma ainda maior no meio virtual, tão gigante, tão abrangente. Para a realização deste trabalho, tomei como inspiração ensinamentos de excelentes professores que me ensinaram e incentivaram dentro da universidade, como: professora Laís Falcão, minha orientadora e incentivadora, professor Ronaldo Bispo, do qual fui monitora e que me instigou a dar sempre o melhor; professora Magnólia Rejane, que me incitou tanto com o pré-projeto; o professor Sivaldo Pereira, que não faz mais parte do corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, mas que tive a sorte de integrar sua última turma e aprender na prática os princípios jornalísticos. Também não posso deixar de citar os meus queridos Eurídice Carvalho, Evely Karine e Everson Levy – por tudo e tanto, por estarem sempre presente. Shara Elaine, Joyce Marina, Aleksandra Cabral, Karolynne Gomes e José Netto, por me incentivarem e me dedicarem momentos de amizade tão importantes em um ambiente tão hostil como a universidade foi para mim. À minha melhor amiga, Nilma Oliveira, pelo apoio incondicional. À Deus, por segurar minha mão, me guiar, me permitir sonhar e realizar. À minha família, em absoluto, por tanto amor, apoio, dedicação, paciência, força, consolo, por não me deixar desistir, apesar de toda as adversidades, e tornar tudo crível. E por fim, agradeço a todos os personagens que fizeram esta reportagem ser possível. Concluo alimentando a esperança de que a empatia e respeito imperem o quanto antes na sociedade. Realizar este trabalho me tornou uma pessoa melhor, mais atenta, mais empática e mais dedicada a fazer a minha parte, para que enxergar o outro em sua totalidade seja o elemento principal.

“Já havia compreendido que as pessoas se alegravam tanto com a humilhação moral do próximo, que jamais abriam mão desse prazer ouvindo explicações. ” Milan Kundera

RESUMO

O jornalismo é, antes de tudo, a arte de contar histórias e retratá-la da melhor e mais clara maneira para a sociedade, com verdade, respeito e ética. A profissão tem se modificado ao longo dos anos e, com o advento da internet, permite que o profissional possa utilizar diversas plataformas multimídias para evidenciar e mostrar a realidade. Dentro dessa perspectiva, a reportagem multimídia é uma das formas mais completas e interessantes para contar os fatos, pois a junção de mídias diferentes, e que se complementam, possibilitam trazer mais pontos de vistas para mostrar uma temática em profundidade. O *cyberbullying* é retratado dentro dessa modalidade jornalística, dando visibilidade às vítimas dessa violência virtual. A reportagem busca promover a reflexão no leitor/espectador sobre os danos que essa prática cruel e criminosa pode causar na vida das pessoas, além de mostrar como as vítimas enfrentaram a situação e alertar para o procedimento adequado a ser tomado, caso sofram com esse tipo de agressão.

Palavras-chave: webjornalismo; jornalismo multimídia; reportagem; *cyberbullying*.

ABSTRACT

Journalism is, above all, the art of telling stories and portraying it in the best and clearest way for society, with truth, respect and ethics. The profession has changed over the years and, with the advent of the internet, it allows professionals to use different multimedia platforms to highlight and show reality. Within this perspective, multimedia reporting is one of the most complete and interesting ways to tell the facts, since the combination of different media, which complement each other, makes it possible to bring more points of view to show an in-depth theme. Cyberbullying is portrayed within this journalistic modality, giving visibility to the victims of this virtual violence. The report seeks to promote reflection in the reader / viewer about the damage that this cruel and criminal practice can cause in people's lives, in addition to showing how the victims faced the situation and alerting them to the appropriate procedure to be taken if they suffer from this type of aggression.

Keywords: webjournalism; multimedia journalism; reporting; cyberbullying.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	13
2.1 Geral.....	13
2.2 Específicos	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1 Bullying, o Início de Tudo	Error! Bookmark not defined.
3.2 Cyberbullying	15
3.3 Webjornalismo	18
3.3.1 <i>Hipertexto e Webjornalismo</i>	<u>22</u>
3.3.2 <i>Webjornalismo e as Fake News</i>	<u>24</u>
3.3.3 <i>Webjornalismo e o Smartphone</i>	26
3.3.4 <i>Jornalismo Multimídia</i>	28
3.3.5 <i>Reportagem Multimídia</i>	30
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	33
4.1 Escolha do Tema	33
4.2 Pauta.....	34
4.3 Pré-Produção.....	35
4.3.1 <i>Análise das Fontes</i>	35
4.3.2 <i>Sequência de Abordagem</i>	35
4.4 Produção	37
4.4.1 <i>Equipamentos</i>	37
4.4.2 <i>Redação</i>	38
4.4.3 <i>Edição</i>	39
4.4.4 <i>Web Design</i>	39
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERENCIAS	48
ANEXOS	52

1. INTRODUÇÃO

O conceito de violência tem sido ampliado e analisado de forma contextualizada. Pesquisadores têm se dedicado em compreender e justificar as diversas formas do comportamento agressivo praticado entre pares. Neste sentido, as formas de agressão relacional que causam danos, não só físicos, mas psicológicos ao indivíduo também ganham atenção no meio médico, policial e judicial.

Um tipo de comportamento agressivo que possui inúmeras formas de manifestação, o *bullying*, intriga profissionais de diversas áreas e suas consequências também não são facilmente explicadas, embora seja um tipo de prática que sempre existiu, mas que ganhou nome e maior proporção no mundo e no meio jornalístico nos últimos anos.

O *bullying* é uma violência sistemática e recorrente, que pode acontecer no âmbito escolar, profissional, familiar e social de forma geral. O agressor tem a intenção de causar dano a vítima, que na maioria das vezes não tem como revidar.

Os praticantes de *bullying* comumente apresentam distanciamento dos objetivos escolares, [...] e dificuldades de adaptação às regras escolares e sociais, devido às suas atitudes indisciplinadas, desafiantes, perturbadoras, resultando em déficit de aprendizagem e desinteresse pelos os estudos. [...] Podem introjetar a noção de que conseguem destaque e notoriedade social por meio de comportamentos autoritários, abusivos e violentos, o que pode conduzi-los ao caminho da delinquência e da criminalidade. (FANTE, 2008, p. 90).

O processo de *bullying* é influenciado pela interação dinâmica com o ambiente no qual nascem e se desenvolvem os jovens, conforme destacam Lisboa e Koller (2004).

Com o advento da internet, o aumento rápido de violência através dos meios eletrônicos de comunicação e interação tem sido registrado. A incorporação e o acesso à tecnologia têm gerado comportamentos no contexto virtual que podem ser descritos como *cyberbullying*, também chamado de *bullying* eletrônico ou assédio online.

Diferentemente do *bullying* em ambientes tradicionais, como na escola, em que ao ir para a casa a vítima fica longe da violência, *no cyberbullying* ela fica à mercê das ofensas mesmo quando está, por exemplo, trancada no quarto, já que pode receber mensagens de texto, e-mails ou recados em sites de relacionamento que a agridem moralmente (SLONJE & SMITH, 2008, apud RODEGHIERO, 2012, p. 78).

Pode-se dizer, portanto, que o *cyberbullying* constitui uma nova expressão do *bullying*, enquanto agressão, provocação, ameaça, intimidação, humilhação, feita através da utilização de recursos e dispositivos tecnológicos de comunicação, como e-mail, telefones móveis, chat,

blog, redes sociais, contra uma pessoa, vítima, que tem dificuldade para se defender, muito devido à proporção tomada pela exposição de uma ação que tem o objetivo direto de agredir, ridicularizar, difamar, assediar entre outras cruéis finalidades.

Agressão Digital (*cyberbullying*) envolve o uso de tecnologias digitais para praticar atos intencionalmente ofensivos dirigidos a outro, incluindo o envio ou publicação de material ofensivo, de forma a que se repita ou seja amplamente distribuído. (WILLARD, 2011, p.1).

Nesta última década, o número de casos de *cyberbullying* tem crescido consideravelmente e feito o Legislativo do país pensar em formas de combate e punição para a prática. Os usuários da rede têm mostrado muita segurança em praticar crimes no meio virtual, porque eles acreditam que estão protegidos e que a possibilidade de serem identificados e punidos é quase remota.

As consequências são amplificadas visto que as agressões podem difundir-se facilmente e com enorme rapidez, e manter-se por muito tempo ou até infinitamente no espaço virtual. O anonimato possível e facilitado nas comunicações e interações através da internet leva a vítima a enfrentar novos problemas.

O *cyberbullying* é difícil de quantificar de forma exata devido à sua ambiguidade, diversidade de métodos de obtenção de dados, desenho de pesquisa e tamanho da amostra. Não obstante esta dificuldade, apresenta-se como um fenômeno com taxas de prevalência crescentes (KIRIAKIDIS & KAVOURA, 2010; WILLAMS & GUERRA, 2007).

O presente trabalho traz, portanto, uma reportagem multimídia sobre *cyberbullying*¹, mostrando através de entrevistas, com vítimas e especialistas, as características, impactos, desafios e consequências desta prática que tem diversas ramificações consideradas criminosas.

Apesar do reconhecimento de que o *cyberbullying* traz novas questões e desafios à escola, às famílias, à sociedade e aos que têm responsabilidades sociais, políticas ou educativas, os contornos desta violência virtual ainda não estão claramente definidos e as investigações para esta prática ainda são recentes e insuficientes.

É preciso mostrar que o *cyberbullying* é um fenômeno presente em quase todas as sociedades do mundo moderno, o qual tem aumentado (SIMÕES et al., 2014), particularmente entre os adolescentes, na sequência da proliferação e utilização das tecnologias como a telefonia móvel, em contextos sociais não mediados e nas redes sociais (DREDGE, GLEESON, & GARCIA, 2014).

¹ Disponível em: <https://marahsantos.wixsite.com/cyberbullying>. Acesso em: 18 out. 2020.

Desta maneira, o objetivo deste trabalho é mostrar, através dos relatos das vítimas e esclarecimentos de especialistas, o quão cruel e prejudicial é a prática do *cyberbullying* para a vítima. Esse tipo de violência coloca em causa a livre utilização da tecnologia, tão primordial na comunicação do mundo atual, mas sua associação a esse tipo de violência produz consequências graves e nefastas à saúde mental dos envolvidos, entre outros sintomas patológicos.

A fundamentação teórica do atual trabalho baseia-se nos estudos de jornalismo, especificamente no webjornalismo, seguindo os métodos e técnicas na produção da reportagem, que foi pensada na multimídia que o acompanha, característica que permite a comunicação de formas diversas, oferecendo um conjunto de linguagens com textos, gráficos, sons e imagens.

O webjornalismo também permite a interatividade entre o indivíduo e o conteúdo, ao mesmo tempo em que permite uma correlação entre mídia e linguagem. Há nesta modalidade jornalística um espaço virtualmente ilimitado, quanto a quantidade de informação a ser colocada à disposição do seu leitor.

De acordo com Packer (2005), a linguagem multimídia está presente na história humana desde as mais remotas manifestações culturais. Ela cita rituais pré-históricos, com as imagens feitas nas rochas, em que partilhavam o mesmo contexto, porém com sons e odores específicos, onde vários sentidos eram estimulados ao mesmo tempo.

O webjornalismo também agrega elementos essenciais e importantes para a produção jornalística que são a hipertextualidade, multimídia, interatividade, entre outras características ideais para o jornalismo na internet e por isso foi escolhido para a produção do trabalho.

A reportagem objetiva destacar a importância e necessidade de discussão sobre o *cyberbullying*, no sentido de combater essa violência, informando sobre a qualidade das intervenções preventivas, o impacto causado pela violência e, também, mostrar que as investigações e punições precisam ser mais efetivas e melhoradas, inclusive nos ambientes digitais.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Produzir uma reportagem multimídia sobre *cyberbullying*, com foco nos depoimentos das vítimas e explicações de especialistas, para informar o quanto essa prática violenta, ainda que virtual, afeta, e pode deixar marcas irreversíveis na vida das pessoas envolvidas.

2.2 Específicos

- Pesquisar referencial bibliográfico sobre *cyberbullying*, webjornalismo e reportagem multimídia;
- Despertar no leitor um olhar holístico, sensível e empático acerca da temática;
- Buscar dados e registros nacionais e locais referentes à ocorrência de *cyberbullying*;
- Registrar e expor os relatos das vítimas, como se sentiram, como foram afetadas, como enfrentaram e se superaram o trauma;
- Apontar qual a visão da sociedade atual, e de especialistas (psicólogos, delegados ou advogados), com relação à prática de violência virtual e comparar com os relatos das vítimas.
- Informar e orientar sobre como as pessoas podem se proteger e denunciar seus agressores em caso de serem vítimas de *cyberbullying*.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 *Bullying*, o Início de Tudo

Na década de 70 foram iniciados os primeiros estudos e investigações sobre um fenômeno chamado *bullying*. A expressão foi adaptada pela língua portuguesa dada a sua complexa tradução. Segundo Pinheiro (2009), o comportamento associado ao *bullying* é ambíguo: pois mesmo atraindo atenções na década de 70, ele existe desde que existem crianças no mundo. Para a autora, as alterações nos comportamentos sociais e comunicativos entre seres humanos nos últimos 40 anos provocaram o interesse na questão do *bullying*, chamando cada vez mais atenção de investigadores.

Um dos primeiros investigadores a se debruçar sobre a problemática foi o professor da Universidade de Bergen, na Noruega, Dan Olweus. Ele via o tema como uma forma de violência escolar, algo que por um lado faz parte do crescimento da criança/adolescente, mas pode ser capaz de provocar o suicídio de jovens.

Com o passar dos anos, muitos estudos veem o *bullying* mais como um problema social, e mais como de alguns indivíduos da sociedade. Um problema social, pois sua ocorrência pode ser notada em diversas localidades, não sendo um fenômeno isolado. Mesmo sendo uma coisa antiga é possível observar que a prática do *bullying* tem sido amplamente estudada ao longo das décadas.

Os estudos tiveram início na década de 1970, na Suécia e na Dinamarca. Na década de 1980 a Noruega desenvolveu grande pesquisa sobre o tema, expandindo os estudos para inúmeros países europeus [...]. As iniciativas foram provocadas pelo aumento do número de suicídios entre crianças e adolescentes, especialmente na Europa. Esse fato fez com que os pesquisadores buscassem suas principais causas, encontrando entre elas os maus tratos praticados por parte dos colegas de escola. (FANTE, 2008, p. 35).

Prática registrada há anos, mesmo sem uma identificação específica em outros tempos, existe uma grande dificuldade para se definir o que compreende o fenômeno *bullying* e diferenciá-lo de outras condutas. No entanto, a palavra se refere à prática de desrespeito com o objetivo de inferiorizar o outro, a partir da execução de vários atos que em sua grande maioria são repetitivos.

É uma prática intencional e, por isso, não se confunde com outra onde o agressor / ofensor não tem intenção de desrespeitar, e pode ser “físico (bater, chutar, beliscar); verbal (apelidar, xingar, zoar); moral (difamar, caluniar, discriminar); sexual (abusar, assediar, insinuar); psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir). (FANTE, 2008, p. 63).

Com várias formas e nem sempre evidentes, o *bullying* tem sido uma prática recorrente em escolas, faculdades, ambientes de trabalho, grupos de amigos e no meio social. Segundo uma pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Brasil é o quarto país do mundo onde mais acontece esse tipo de comportamento.

Além dos tipos de *bullying* descritos por Cleo Fante (2008), ganham destaques também os escritos (através de bilhetes, cartas, pichações, cartazes, faixas e desenhos depreciativos, usados com o intuito de infamar a imagem do outro); material (quando a vítima tem seus pertences furtados, danificados ou atirados contra si); e o mais atual e que alcança maiores proporções de perversidade, devido ao advento da internet, ao avanço da tecnologia e do mundo conectado, o *cyberbullying*. Neste, as agressões se dão no meio virtual e digitais, como e-mail, fotos, vídeos e *posts* (publicações), que em pouco tempo, alcança um grande número de pessoas, devido à sua rápida disseminação.

3.2 Cyberbullying

O pesquisador canadense Bill Belsey foi o primeiro a citar e definir a palavra “*Cyberbullying*”, no mundo. Segundo ele, envolve utilizar informação e comunicação junto da tecnologia para hostilizar alguém ou um grupo. A diferença entre o *cyber*² e o *bullying*³, é que neste caso, o agressor usa o meio eletrônico.

Em sua definição sobre *cyberbullying*, Belsey (2004) afirma que o termo envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação, como *e-mail*, telefones móveis, mensagens de textos e instantâneas, assim com *sites* pessoais de votação *on-line* e difamatória, cujo o único intuito é de apoiar de forma deliberada e repetitiva um comportamento hostil de por um grupo ou sujeito que se destina a prejudicar outras pessoas.

Desta forma, é possível dizer que o *cyberbullying* constitui uma nova expressão do *bullying* com dimensões muito particulares, pois diferente do face-a-face, ele age associado diretamente com a tecnologia, o que acresce novas faces ao perfil do agressor e da vítima. As consequências também podem ser desastrosas e causar danos psicológicos, profissionais e sociais irreversíveis.

Diferente das agressões pessoais que são localizadas e com tempo podem ter sua lembrança apagada ou diminuída, o *cyberbullying* além de envolver a ampla disseminação de calúnias, injúrias ou informações degradantes à exposição pública através das tecnologias digitais, também implicam em uma gigantesca dificuldade, quicá impossibilidade, de tirá-las novamente de circulação, o que acaba conferindo

² *Cyber* é o diminutivo de “*cybernetic*” (algo ou local que possui tecnologia avançada).

³ *Bullying* tem origem da palavra inglesa “*bully*” (o que significa valentão, briguento).

um certo aspecto perene a referidas agressões. [...] agressões e difamações que já ficaram registradas e permanecem disponíveis a todo um universo online, podendo vir a desencadear ou motivar embaraços e humilhações (talvez até novos ataques) na rede social recém ingressada e, mesmo, angústia e constrangimento ao longo de sua vida (MAIDEL, 2009, p. 117).

A internet surgiu no final dos anos 60, nos EUA, e mudou completamente os rumos da comunicação no mundo. No Brasil, a novidade chegou na década de 1980 e virou um serviço comercial a ser adquirido pelos cidadãos brasileiros nos anos de 1990, mas foi no início do século XXI que o número de usuários da rede e de servidores de informação cresceu, iniciando um encadeamento global que conectaria todo o planeta.

Em 2002, Sameer Hinduja e Justin W. Patchin, pesquisadores norte-americanos, começaram a estudar o *cyberbullying* e três anos depois, em 2005, lançaram o popular site Cyberbullying Research Center⁴. Os autores defendem que a complexidade do *cyberbullying* prende-se também com a sua natureza viral da propagação da informação nas redes digitais, quer seja ela positiva ou negativa. Eles afirmam que um boato ou uma imagem podem circular pela internet e resultar em aumentos exponenciais da sua divulgação, com processos similares à extensão de uma epidemia.

Um dos primeiros casos de *cyberbullying* registrado no mundo aconteceu em 2003, no Canadá. Ghyslain Raza tinha 14 anos na época e virou piada no mundo, devido à um vídeo, em que imitava, de forma desajeitada, um cavaleiro *jedi*, do filme *Star Wars*. A imagem teve mais de 30 milhões de visualizações, em uma época que o YouTube ainda não existia. O vídeo foi gravado por colegas de sala durante uma atividade escolar e também virou paródia em algumas séries de TV. Raza só conseguiu falar a respeito, dez anos depois, em 2013, em uma entrevista à revista francesa *Le'actualité*, onde relatou que sofreu muito com o caso, precisou mudar de escola várias vezes e que ouviu de muitos que deveria se matar.

Segundo a última pesquisa realizada e divulgada em 2018 pelo Instituto de Ipsos, o Brasil é o segundo país com mais casos de *cyberbullying* registrados no mundo. Em 2016, 19% dos entrevistados afirmaram ter sido vítima da agressão virtual. Já em 2018, o número de pessoas que disseram ter sofrido com a violência virtual subiu para 29,8%. Com esses indicativos, o Brasil ultrapassou até os Estados Unidos, que em 2016 ficou em primeiro lugar, com 34%, mas em 2018 caiu para a terceira posição, registrando 27%. O primeiro lugar ficou com a Índia que saltou dos 32% para 37%, no referido período. Cerca de 42 milhões de brasileiros já foram afetados por essa violência.

⁴Disponível em: <https://cyberbullying.org/>. Acesso em: 24 mai. 2020.

Um levantamento feito pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (Unicef) abaliza que, em 2019, um a cada três jovens, em 30 países, já sofreram *cyberbullying*. No Brasil, 37% dos jovens entrevistados afirmaram ter sido vítima desse tipo de violência e apontam as redes sociais como o principal espaço onde as agressões ocorrem.

Ainda que acredite estar protegido pelo vasto espaço da internet, o agressor virtual está cometendo crime e pode ser punido. O *cyberbullying* é tipificado no Código Penal Brasileiro, quando configura crime contra:

- 1- Honra (calúnia, difamação e injúria – Art. 138);
- 2- Crime de injúria racial (ataques racistas- Art. 140);
- 3- Exposição de imagens de conteúdo íntimo, erótico ou sexual (Art. 218-C).

A Lei 13.185 foi sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff, no dia 6 de novembro de 2015, e institui o Programa de Combate a Intimidação Sistemática em todo território nacional. Em 2018, o ex-presidente Michel Temer sancionou uma alteração incluindo a responsabilidade das escolas nas ações de combate ao crime. Segundo a Lei, há intimidação sistemática na rede mundial de computadores, ou seja, há *cyberbullying*, quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar violência, adulterar fotos e dados pessoais com o único intuito de criar meios de constrangimento social.

Para todos os casos, as punições previstas no Código Penal podem chegar a quatro anos de reclusão. Já na esfera civil, o agressor pode ser condenado a pagar indenização à vítima por dano moral e, caso seja menor de idade, os pais ou responsáveis responderão judicialmente por ele.

Em Alagoas, o número de casos de *cyberbullying* registrados tem aumentado nos últimos anos. No entanto, a Secretária de Segurança Pública do Estado (SSP/AL) não tem nenhum levantamento ou dados referentes ao crime. Só a partir de janeiro de 2019, devido ao aumento exorbitante do número de crimes cibernéticos, o estado começou a registrar e contabilizar crimes ocorridos no meio virtual. Ainda não há uma delegacia especializada, mas foi criada uma seção dentro da Divisão Especial de Investigação e Captura (Deic), a “Seção de Crimes Cibernéticos”, que atua sob a coordenação de um delegado.

Segundo dados da Deic, 800 crimes praticados na internet foram registrados em Alagoas, de janeiro a outubro de 2019. O levantamento não especifica com exatidão os casos relacionados ao *cyberbullying*, mas identifica uma das modalidades desta violência, cujas denúncias têm crescido assustadoramente em todo o país, que é a *revenge porn*, que em

português pode ser traduzido como pornografia de vingança. Nesta modalidade de *cyberbullying*, a vítima tem fotos ou vídeos íntimos divulgados ou compartilhados na rede. Em Alagoas, segundo a Deic, 32 casos de pornografia de vingança foram registrados nos dez primeiros meses de 2019.

A reportagem apresentada nesse relatório ouviu alagoanos que foram vítimas de *cyberbullying* e mostra como eles enfrentaram a situação de forma pessoal, jurídica e psicológica. Os personagens narram também os impactos que a violência virtual causou e deixou em suas vidas. O trabalho foi pensado e produzido para estabelecer-se como um instrumento informativo e útil na situação de intervenções que busquem prevenir e combater o *cyberbullying*. Além de contribuir para uma sociedade mais empática, justa, igualitária e que repudie esse tipo de prática covarde.

Apesar do *cyberbullying* ser uma prática que tem crescido muito nos últimos anos, devido ao advento da internet, ainda é pouco discutida e possui inúmeras vantagens no domínio das tecnologias, o que acrescenta novas facetas ao perfil dos agressores e das vítimas. O *cyberbullying* utiliza-se dos meios de comunicação atuais para se propagar e transcender as fronteiras do tempo, visto que a exposição, ofensas e agressões podem se manter infinitamente presente no espaço virtual, além do espaço pessoal e psicológico da vítima, ou das pessoas afetadas.

3.3 Webjornalismo

Tendo em vista que o jornalismo é uma atividade de natureza social que busca antes de tudo divulgar informações de interesse público, que traga benefícios para a sociedade, e defender os direitos dos cidadãos e suas garantias individuais, através de sua prática, a reportagem em questão se baseia no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), segundo o qual o jornalista deve respeitar a honra dos cidadãos, defender seus direitos e garantias individuais e coletiva, além de combater perseguições e discriminações de qualquer tipo.

Por esses tantos motivos, esse trabalho torna-se uma contribuição importante para o jornalismo, que também exerce uma importante função social. Há debates, discussões que atuam sobre o pensamento e comportamento das pessoas. Não há no jornalismo apenas cumprimento de técnicas, mas cabe ao mesmo desenvolver-se nas capacidades de agir e refletir, sobre a realidade, sobre o mundo, como define, Cremilda Medina, “sua função é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias” (1982, p. 22).

O *cyberbullying* é um assunto de interesse social e o jornalismo deve tratá-lo visando maneiras de difundir um melhor convívio em sociedade, nas relações e interações entre as pessoas. Não cabe ao jornalismo apenas informar, mas interpretar e atribuir sentido a um fato. Também é função do jornalismo dar ao receptor a possibilidade de refletir e de ter a interpretação correta do que está sendo abordado.

O advento da internet trouxe há algumas décadas o crescimento e propagação do webjornalismo. Com isso, os leitores passaram a ser cada vez mais diferenciados e a comunicação deve acompanhar e se adaptar a isso. A escolha, portanto, baseia-se na premissa de que o ambiente digital oferece mais que a oportunidade de apresentar um bom trabalho jornalístico, mas de poder apresentar conteúdos mais ricos e complexos, para ampliar, integrar e contextualizar o conhecimento e a discussão sobre o tema apresentado.

O webjornalismo se diferencia do jornalismo praticado nos meios de comunicação tradicionais e massivos como televisão, rádios, jornais e revistas impressas. A comunicação no meio digital foi adquirindo várias características no decorrer do tempo.

A atividade jornalística na rede é resultado de uma nova estrutura que se estabelece (a partir do surgimento das inovações tecnológicas) e da remodelação de configurações já existentes (o jornalismo tradicional). E é nessa nova conjuntura que surgem experiências inovadoras na área, como o Webjornalismo e o jornalismo participativo na internet [...]. (FONSECA; LINDERMAN, 2007, p. 88).

A disseminação de informação no jornalismo contemporâneo possui terminologias diversas. O Jornalismo Eletrônico, uma das nomenclaturas, utiliza equipamentos e recursos eletrônicos, sejam eles analógicos ou digitais. O Jornalismo Multimídia emprega tecnologia digital, ou seja, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de *bits* (menor unidade de informação que pode ser armazenada e transmitida), meio e conteúdo.

Outra terminologia do jornalismo nas novas tecnologias é o ciberjornalismo, que envolve tecnologias utilizando o ciberespaço, funciona no espaço virtual da eletrônica e informática. Temos também o Jornalismo Online, que é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real e o webjornalismo, que diz respeito a *web*, parte específica da internet, e exige suporte técnico e interface gráfica.

Os meios tradicionais de jornalismo foram impactados pela internet e, assim, absorvendo práticas e elementos de outras mídias. No entanto, a multimídia do webjornalismo já se faz presente nos telejornais, com a inclusão de imagens, áudios e gráficos.

A Multimídia do Jornalismo na Web é certamente uma continuidade, se considerarmos que na TV já ocorre uma conjugação de formatos midiáticos (imagem,

som e texto). No entanto, é igualmente evidente que a Web, pela facilidade de conjugação dos diferentes formatos, potencializa essa característica. (PALACIOS, 2002, p.6).

No atual mundo globalizado, é comum vermos indivíduos navegantes buscando notícias e informações na internet, assim como tem crescido o número de sites e páginas destinados a passar tais elementos. É fato que a internet é o meio de comunicação no qual todos os tipos de mídias convergem. A Internet se constitui como uma poderosa plataforma para conexões multimidiáticas (SANTAELLA, 2009, p. 08).

O webjornalismo também tem etapas de desenvolvimento, definidas como primeira, segunda e terceira geração, cada um deles com suas características específicas. O de primeira geração trata de reproduções de partes dos grandes jornais impressos que passavam a ocupar espaço na internet. O de segunda geração explora as características específicas oferecida pela rede. O jornal impresso elabora as interfaces dos produtos. Já o jornalismo de terceira geração marca o surgimento de iniciativas empresariais e editoriais destinadas exclusivamente para a internet, recursos multimídia, interatividade, hipertexto passaram a ser utilizados como possibilidade narrativa, além de atualização contínua.

O aspecto mais importante da terceira geração é que ela permite ao leitor navegar no conteúdo através da informação multimídia, por isso a escolha na produção da reportagem.

Esse parece ser um caminho sem volta: a redação jornalística com produção multimídia, entregando notícias em textos (para sites e publicações impressas), complementadas com fotos, áudios, vídeos e infográficos. Procedimento desejado tanto em coberturas factuais, quanto nas grandes reportagens. (LENZI, 2014, p.62).

Conforme Marcos Palácios (2002), o webjornalismo apresenta seis características: interatividade, hipertextualidade, multimidialidade, memória, convergência e atualização contínua. Elas refletem as potencialidades oferecidas pela internet ao jornalismo desenvolvido na web. Multimidialidade refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (texto, imagem e som) na narração do fato. A convergência torna-se possível em função da digitalização da informação e sua posterior disponibilização.

Interatividade faz com que o usuário ou leitor sinta-se parte do processo jornalístico de forma mais direta. Como exemplos, temos trocas de mensagens e e-mails entre leitores e jornalistas, chats, enquetes, etc. Quanto à hipertextualidade diz respeito a interconexão de textos através de hiperligações, ou melhor, *links*. A memória permite que a acumulação de informações seja mais viável, técnica e ocupe menos espaço na página, site e até mesmo no

texto. A atualização contínua do webjornalismo permite a rapidez do acesso combinada com a facilidade de produção e disponibilização.

Apesar do atual crescimento majoritário, o webjornalismo não configura uma ruptura com o jornalismo praticado anteriormente, mas um prosseguimento e pode ser encontrado em suportes jornalísticos precedentes como rádio, impresso e televisão.

O principal exemplo de jornalismo de terceira geração foi a fusão entre a Microsoft e a NBC, quando se juntaram: uma empresa de informática com uma jornalística televisiva, em 1996, gerando o www.msnbc.com. Atualmente estudiosos já citam o webjornalismo de quarta geração, ou 4G. Segundo as definições, utiliza banco de dados que junto com a linguagem de programação dinâmica passam a gerar páginas que somente existem devido à solicitação do usuário.

O webjornalismo mudou de forma inegável a rotina de trabalho do jornalista. Antes o profissional gastava tempo demais para ir até uma biblioteca e realizar uma pesquisa, hoje, com um simples clique no mouse ele acessa informações sobre tudo, a nível mundial. A internet oferece aos profissionais do jornalismo a possibilidade de buscar informações em inúmeras fontes e em qualquer lugar do mundo, auxilia na confecção das pautas, na produção e apuração da informação como possível notícia. Para Del Bianco (2004), tem que estar o tempo todo atento aos detalhes que envolvem a sua notícia, tem que ter capacidade de produzir um texto final, que não dependa necessariamente da aprovação de um editor. Isso porque a internet é um meio que exige mais agilidade e necessita de profissionais que tenham iniciativa.

Diferentemente das formas anteriores de jornalismo que necessitam ser “distribuídas” seja através da circulação (papel impresso) seja pela difusão de ondas, o jornalismo digital precisa ser acessado pelo leitor/usuário. O texto está lá posto como uma unidade que deve ser construída segundo um formato multilinear propiciado pelo hipertexto, o qual permite a organização da narrativa jornalística em diferentes níveis ou blocos de texto aliando além de imagens estáticas, vídeos, animações e áudio, que são ligados entre si pelo link como o elemento constitutivo e inovador para o hipertexto digital, uma escrita marcada pela supressão de limites de espaço e de tempo. (BARBOSA, 2002, p. 14).

Diante dessa nova forma de fazer jornalismo, a internet virou o meio mais rápido de se conseguir uma informação e muitos estudiosos se referem a essa fase como o “jornalismo sentado”, pois grande parte da apuração ocorre eletronicamente. Segundo Del Bianco (2004), para os jornalistas que usam a internet na produção de notícias, a realidade virtual estaria se convertendo em um novo modo de conhecimento do mundo exterior.

Para fabricar notícias, os jornais usam as informações em bruto que lhes chegam através de cartas e telefonemas dos leitores; de e-mails; da consulta a outros órgãos

de comunicação social; das conferências de imprensa; dos contatos pessoais com fontes de informação; da ronda telefónica que alguns órgãos informativos fazem pela polícia, bombeiros, hospitais e outras entidades; dos comunicados à imprensa enviados por diversas entidades; das pesquisas pessoais dos jornalistas na Internet, etc. (SOUSA, 2001, p. 63).

O webjornalismo atual também exige que o profissional tenha as mesmas características do profissional de jornalismo tradicional, como ter espírito investigativo, gostar de escrever, ser criativo, e ter habilidade de concisão. Além disso, o profissional de jornalismo dessa quarta geração tem como função principal a produção de conteúdo e a interação com o público, ou seja, devem estar ligados no que acontece no mundo e manter uma certa interação com os internautas, através de comentários nos sites ou então por meio das redes sociais.

3.3.1 Hipertexto e Webjornalismo

Um dos grandes diferenciais do Webjornalismo é o hipertexto que proporciona uma troca de informações através de um acesso rápido. Na prática, a ideia vem desde os séculos XV e XVIII com os índices pessoais de leitores da época, que citavam textos, remissões a outras partes ou outros textos anotados no canto das páginas dos livros, para que pudessem ser consultadas posteriormente.

O hipertexto possibilita a interconexão entre as informações e permite a produção e o acesso a novos dados apenas com um click. Pode-se ter conexões com outros bancos de dados, documentos escritos por autores diferentes sobre o mesmo assunto ou semelhante. A hipertextualidade pode ser considerada uma linguagem da internet e requisito básico de navegação em sites.

Essa “linguagem” permite a codificação de textos, imagens, gráficos, sons, animações e vídeos sob um formato único, capaz de ser interpretado e apresentado pelos chamados navegadores, que atuam como as janelas que se abrem no computador por sobre a Internet (CASTRO, 2006, p. 1).

A terminologia hipertexto foi criada nos anos 60 por Theodor H. Nelson, e refere-se a uma modalidade textual nova, a eletrônica, onde um texto é composto de fragmentos de textos e os nexos eletrônicos que os conectam entre si.

A aplicação da prática hipertextual só foi sendo efetivamente utilizada e disseminada com o desenvolvimento da World Wide Web, sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na internet, em formatos como hipertextos, sons, vídeos, imagens e, atualmente, QR Code - código de barra bidimensional - que pode ser facilmente escaneado pelo

aparelho celular e que encaminham para uma página, visto que os celulares são um dos meios mais utilizados para acessar informação no cenário atual.

Concebido pelo engenheiro inglês Tim Berners-Lee, em 1989, o World Wide Web tinha como objetivo dar apoio aos sistemas de documentação e colaboração entre investigadores e cientistas do Centro Europeu de Pesquisa Nuclear – CERN – com base na Suíça, que tinham problemas na troca de informações. Na época, a internet e o hipertexto já eram utilizados no meio. E Barners-Lee acabou inventando o HTML11, formato novo para armazenar documentos no disco rígido de um computador com acesso permanente à internet, com localização específica, chamada posteriormente de URL (Uniform Resource Locator), que para acessá-la era necessário um protocolo específico, o HTTP (Hypertext Transfer Protocol). Depois foram criados os links, que dependiam das URLs, além de um servidor e um navegador.

O hipertexto configura-se como a quantidade infinita de links com os quais nos deparamos em páginas da internet. É uma forma a oferecer o acesso a outros conteúdos, por meio dos links, sem que o leitor deixe o espaço inicialmente acessado.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LEVY, 1993, p. 33).

Uma das potencialidades mais importante do hipertexto no webjornalismo é possibilitar a interconexão entre discursos, o que caracteriza uma textualidade interessante para as narrativas do fato jornalístico, mas a realidade deste tipo jornalístico contrasta com a intertextualidade e a multivocalidade, características do hipertexto. Na intertextualidade, as referências a outros textos ocorrem por meio do recurso do link, as conexões são feitas entre blocos de textos. Na multivocalidade há a possibilidade de mostrar textos de autores diferentes sobre o mesmo fato.

O webjornalismo pode utilizar a hipertextualidade em um espaço virtualmente infinito para atingir níveis nunca antes vistos de interatividade. Além disso, há nesse tipo jornalístico uma memória múltipla, instantânea e cumulativa. O hipertexto provê ao webjornalismo a potencialidade de consentir uma participação maior do leitor, que ante o avanço da tecnologia é chamado de usuário. Se no jornal o leitor podia estabelecer a ordem em que lia as matérias vinculadas, com o hipertexto a ação passou a ser mais acentuada. Assim, apesar de o hipertexto

parecer uma ruptura em relação aos meios anteriores, é na verdade uma potencialização, pois o recurso coloca o leitor em contato direto com a informação bruta, através de links para outros sites, dando ao texto jornalístico potencialidades maiores para a escrita no webjornalismo, do que nos veículos tradicionais.

3.3.2 Webjornalismo e as Fake News

Um dos grandes desafios do jornalismo atualmente, no webjornalismo ainda mais, são as *fake news*, notícias falsas, que são publicadas na rede e que se espelham rapidamente. Esse tipo de publicação tem se difundido. Sobre o fenômeno que tem atormentado o jornalismo e a mídia mundial Frias Filho diz:

O termo *fake news* deveria ser compreendido como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vista ao lucro fácil ou manipulação política. É prudente, tudo indica, isolar a prática, diferenciando-a da mera expressão de pontos de vista falsos ou errôneos, assim como de entreato de visões extremadas. Cabe também discernir entre a divulgação ocasional de notícias falsas e sua emissão reiterada, sistemática, a fim de configurar a má-fé. (2008, p. 43).

O problema da notícia falsa não é centralizado, atinge todo o jornalismo, em toda parte do mundo. A imprensa internacional começou a usar o termo durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, quando Donald Trump foi eleito presidente. No Brasil, também durante o pleito para a Presidência da República, em 2018. O termo *fake news* se tornou popular após a imprensa e até a justiça identificarem uma série de conteúdos duvidosos, em sites e redes sociais, explorando conteúdos sensacionalistas envolvendo o então presidente eleito Jair Bolsonaro e seus adversários políticos. Em 2020, o assunto virou pauta no Supremo Tribunal Federal (STF), que após uma a organização, em 2019, de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), instaurou um inquérito, determinou prisões de algumas pessoas envolvidas e a exclusão de perfis nas redes sociais.

O aumento exagerado de notícias falsas divulgadas deixa em alerta os jornalistas que trabalham com o webjornalismo. Há grupos específicos que trabalham espalhando *fake news* em empresas que atuam operando na chamada *deep web*, parte da rede que não é indexada pelos mecanismos de buscas e que ficam oculta a grande maioria dos usuários. Por isso, não é fácil identificar e punir os responsáveis, que usam servidores de fora país, em computadores instalados em locais que não exige identificação.

De acordo com Polyana Ferrari (2018), as *fake news* apresentam características comuns no Brasil: no geral fazem uso de domínios com “.com” ou “.org”, sem o “.br”, o que dificulta sua possível localização, já que estes domínios não possuem a mesma transparência que aqueles registrados no Brasil e não apresentam informações sobre os administradores ou corpo editorial. As notícias também são opinativas e publicadas sem assinaturas dos autores do texto; os sites ou blogs possuem logomarcas que remetem a sites jornalísticos tradicionais, e possuem muitas propagandas, principalmente anúncios do Google.

Em meio a produção de informações massivas provenientes das mais diversas fontes, há a necessidade de verificação cautelosa pelo webjornalismo, pois a capacidade de produção extrapolou a da checagem. É preciso averiguar a veracidade dos fatos para que a credibilidade necessária e inerente ao jornalismo prevaleça e não seja prejudicada, ou deixe de prevalecer.

A produção e disseminação de conteúdo falso no webjornalismo, e na web como um todo, pode impactar na vida real das pessoas e até do profissional de jornalismo, que ao se verem envolvidas em uma notícia falsa, podem sofrer ameaças, linchamento virtual, ser banida da internet e sofrer *bullying* ou *cyberbullying*.

Na reportagem, a qual esse relatório se refere, há um exemplo disso. Um dos personagens sofreu *cyberbullying* com uma notícia falsa a seu respeito, o que causou transtornos e o prejudicou em diversos aspectos da vida.

Grupos tradicionais de comunicação no Brasil iniciaram uma ofensiva contra as *fake news*, mas é preciso ressaltar que o combate a notícias falsas também depende da boa vontade, senso e capacidade crítica dos leitores. É necessário que o jornalismo na web acompanhe cada desinformação e a desminta mostrando os fatos, que produza notícias que tragam ao leitor para a construção da própria leitura, iniciando uma educação virtual.

Apesar desse sistema, não há uma instância entre os fatos e o público que garanta a validade da informação, e cabe ao receptor decidir, por seus próprios meios, o que merece sua credibilidade e confiança. Essa triagem alcança contornos mais difusos nos dias atuais, quando há muitas formas de acesso à informação, o que é catalisado pela Internet. [...] a web passa agora por um processo de “credibilização do seu dispositivo”, etapa da qual o jornalismo online depende para se firmar com consistência no horizonte do receptor. (CHISTOFOLETTI; LAUX, 2008, p. 34).

Desconfiar e checar são ainda as melhores práticas. Buscar confirmar onde a produção de informação tem credibilidade, investigar as fontes, imagens e todo o material recolhido antes da produção da informação é cada vez mais necessário para evitar a disseminação de *fake news*.

O *fact-checking* é uma checagem de fatos, um confrontamento de histórias a partir de dados, pesquisas e registros. É uma forma de qualificar um debate público por meio da apuração jornalística, checando a veracidade das informações.

As primeiras iniciativas de *fact-checking* foram registradas nos Estados Unidos, na década de 1990, quando o jornalista Brooks Jackson recebeu a incumbência de analisar as falas dos então candidatos à Presidência George Bush e Bill Clinton, para a emissora de televisão CNN. A iniciativa foi bem-sucedida e Jackson acabou fundando a primeira equipe a checar propaganda política, que se tem notícia, a *Ad Police*.

Os primeiros registros de checagem de notícias no Brasil aconteceram em 2014, com a criação do blog “Preto no Branco”, desenvolvido pelo jornal o Globo, durante as eleições daquele ano. Também foi criado o projeto “Truco”, da Agência Pública, formada por jornalistas mulheres.

Outras iniciativas promovem a verificação de informações compartilhadas, principalmente por meio das redes sociais. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) tem o “Projeto Comprova”, que reúne jornalistas de diferentes veículos de comunicação para verificar a veracidade de informações de alta repercussão. A “Agência Lupa”, do grupo Folha de São Paulo; o “Fato ou Fake”, do grupo Globo também estão desenvolvendo ferramentas e soluções que ajudem nesse processo de diminuição do impacto negativo das *fake news*.

A modalidade de webjornalismo, especificamente, deve operar por regras e rotinas adaptadas ao meio, mas a coleta de dados, observação, análise e investigação são etapas fundamentais para a criação da notícia, para o bom jornalismo, que mais do que qualquer outra classe deve redobrar a atenção para o que e publicam.

3.3.3 Webjornalismo e o Smartphone

O avanço tecnológico permitiu ao jornalismo um acesso irrestrito a inúmeros meios de propagação da notícia, além de facilitar a produção, criação de conteúdo e maior acesso do leitor. A adoção de novas ferramentas de trabalho como o *smartphone* reformula a rotina produtiva do jornalista. Há diversos usos dessa tecnologia, inclusive para auxiliar os profissionais com informações que facilitem seu comando. Além disso, o uso dessa nova tecnologia também muda a forma como os leitores consumirão as notícias, em um ambiente mais dinâmico e com maior mobilidade.

A internet e as redes sociais instauraram uma lógica inédita imensamente facilitadora para a publicação e o compartilhamento. Tal lógica atingiu seu pico a partir das mídias móveis que permitem a publicação e interação de qualquer ponto do espaço, no momento em que desejar. Qualquer pessoa pode adquirir um site, um blog ou um perfil em qualquer plataforma que quiser. As mídias não são mais consumidas à maneira que foi consolidada pelas mídias massivas, hoje chamadas de mídias convencionais. O verbo, a imagem e o som, quase sempre juntos, são agora criados, compartilhados, aceitos, comentados ou atacados e defendidos de numerosas maneiras, em diversas plataformas, por milhões de pessoas. (SANTAELLA, 2018, p. 30).

O smartphone é um estágio mais evoluído do celular, chamado pela grande mídia de “celular inteligente”, ele dispõe de um sistema operacional que o aproxima de um computador de mão, em termos tecnológicos. O dispositivo agrega muitos recursos, funcionando como gravadores, filmadora, máquina fotográfica, editor de texto, fotos e vídeos, além de funcionarem como localizador, TV e rádio. Também através dos smartphones permite enviar conteúdo de forma rápida, pela internet, conectar-se a outro aparelho e acessar aplicativos que permitem outras dezenas de funções.

Desta forma, o smartphone é um grande aliado para o webjornalismo, pois reúne todos os recursos necessários para que o leitor tenha, na mão e de forma rápida e prática, a informação de forma completa, cuja interação é maior e intensificada. O dispositivo móvel ampliou e diversificou a possibilidade de estruturação de narrativas jornalísticas, redefinindo as expectativas acerca das potencialidades e limitações da produção de notícias em suportes digitais. Hoje há publicações jornalísticas adaptadas as redes sociais e aos aplicativos de conversas instantâneas, como *WhatsApp*. As pessoas estão com o smartphone em tempo integral e são capazes de realizar diversas atividades com o aparelho.

O webjornalismo, uma forma de jornalismo online, conserva muitas características já observadas no ambiente móvel. Com a internet sempre à mão, os leitores continuam priorizando as grandes mídias jornalísticas e outros profissionais ganham o próprio espaço para produzir conteúdo. Os aplicativos jornalísticos se popularizaram e os leitores passaram a ter a praticidade de ler informações, de qualquer parte do mundo, durante uma viagem de ônibus ou na ida para o trabalho, enquanto aguardam atendimento na fila do banco e no consultório médico.

Nos aparelhos celulares com acesso *always on* (sempre conectados) é possível ler jornais, assistir programas de televisão, ouvir rádio, jogar videogames, baixar músicas e filmes gravar e editar seus próprios conteúdos, enviar pela internet para amigos ou para as redes sociais. (MIELNICZUK, 2013, p.115).

Neste contexto, os smartphones desempenham papel fundamental no processo de interação entre veículo de comunicação e leitor. Pelo celular com acesso à internet, o usuário grava vídeos, registra fotos e pode enviar mensagens sobre acontecimentos, factuais ou não, para os veículos de comunicação, que podem fazer uso do material feito pelo leitor. Estes também podem compartilhar, através de aplicativos, as notícias vinculadas na mídia em redes sociais como Facebook, Instagram ou Twitter, difundindo as notícias em um tipo de rede. Este compartilhamento permite que o jornal, ainda que de forma indireta, alcance um número maior de leitores.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), oito em cada dez domicílios brasileiros possuem internet. Os dados, de 2018, mostram que 79,1% dos lares do Brasil utilizam internet. O número é um pouco acima da pesquisa realizada em 2016, cujo percentual era de 74,9%.

Ainda conforme a pesquisa, o aparelho mais utilizado para acessar a internet é o celular, em 99,2% dos domicílios, número que se aproxima da totalidade como o principal meio de acesso à rede. O segundo equipamento mais usado é o microcomputador, que, no entanto, só era usado em 48,1% desses lares. Já o acesso pela televisão subiu de 16,1% para 23,3% dos domicílios com internet, de 2017 para 2018.

Entre 2017 e 2018, o percentual de pessoas que tinham celular próprio subiu de 78,2% para 79,3%, chegando a 82,9% em áreas urbanas e a 57,3% nas rurais. Por isso, o jornalismo se volta para as plataformas digitais e o webjornalismo está se reconfigurando para a tela dos *smartphones*, pois a maioria dos brasileiros acessam a internet através deste dispositivo. Também pelas diversas razões mencionadas neste relatório, a reportagem correspondente ao mesmo foi feita para que o leitor tenha acesso por meio de qualquer dispositivo.

Contemporâneo e dinâmico, o webjornalismo propicia ao estudante em formação estagiar em sites ou portais de internet, o que incrementa o currículo e exige apenas a própria graduação em jornalismo, sem especialização. Por isso, a minha vivência dessa experiência, como estagiária de um site de notícias por quatro anos, junto ao aprendizado na faculdade, fez com que a reportagem, a qual esse relatório corresponde, fosse realizada para esse tipo jornalístico.

3.3.4 Jornalismo Multimídia

A escolha de fazer uma reportagem multimídia aconteceu devido à mesma combinar elementos diferentes que se complementam e tornam a história retratada mais interessante,

convincente, interativa e completa. E por esta ser um formato em ascensão atualmente, com o mundo ainda mais globalizado e conectado.

Segundo Castilho (2013), a opção pela narrativa jornalística multimídia é um sonho antigo dos pioneiros da internet, que enxergaram a possibilidade de combinar imagens estáticas ou animadas, além de áudios, com textos para criar uma reportagem em que o internauta passa a ter um papel ativo. Nesse contexto, as diversas peças narrativas seriam arrumadas conforme seus desejos, gerando interação com os autores e protagonistas com as diversas mídias inseridas.

Através das narrativas multimídias podemos juntar mídias do mundo online como vídeos, texto, gráficos, áudios, fotos, entre outras, e utilizar a força, artifícios e utilidade de todos para complementar de forma integrada a realização de um trabalho de qualidade e dinâmico, tornando assim o conteúdo jornalístico mais atrativo tanto para o jornalista quanto para o leitor. O jornalismo multimídia é a combinação dessas mídias. A união de todos esses artifícios forma o jornalismo multimídia, mas é necessário agrupá-los para que eles consigam passar uma única mensagem. Eles precisam agir de forma coligada.

Henry Jenkins, em seu livro *Cultura da Convergência*, apresenta uma definição abrangente para o jornalismo multimídia, dizendo que “é o fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (2008, p. 27). Através dessa definição, jornalismo multimídia pode ser um jornal impresso que se lança também em formato digital e em site, como reportagens que usam hipertexto, vídeos, áudio, fotografia e gráfico.

A narrativa dentro do jornalismo multimídia é tida como singular, pois os recursos da web e a linguagem audiovisual influenciam um ao outro e se misturam. Se antigamente, o leitor precisava acessar mídias de forma separada, como ler a notícia no jornal impresso, ouvir entrevistas no rádio e ver imagens nos telejornais, para ter um conteúdo mais completo sobre um fato, atualmente tudo isso pode ser visto no mesmo local, a exemplo de um portal ou site de notícias e redes sociais. Para Palácios, diferentes das mídias tradicionais, como o jornalismo impresso, as noções de tempo e espaço se potencializam na rede.

Da mesma forma que a “quebra dos limites físicos” na Web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material noticioso (sob os mais variados formatos mediáticos), abre-se a possibilidade de disponibilizar online toda informação anteriormente produzida e armazenada, através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação. (PALACIOS, 2004, p.7).

As diferenças entre o jornalismo tradicional e o multimídia se resume a forma como é feita a produção do conteúdo, visto que os preceitos de agir de forma ética, preservar as fontes e garantir a correta apuração dos fatos permanecem. No entanto, muda o estilo da escrita, que deve ser mais concisa, e estruturadamente mais elaborada, que permita ao leitor acessar os diferentes tipos de conteúdo.

A narrativa do jornalismo multimídia permite ao leitor imergir virtualmente na notícia ao incorporar todos os recursos sonoros, visuais e textuais e, por isso, essa modalidade jornalística se tornou tão importante para o meio virtual. Diversos recursos podem ser utilizados apenas para criar uma atmosfera propícia à temática da reportagem produzida como sons, vídeos curtos dos locais relacionados à matéria, para aproximar o leitor e fazer com ele se sinta como se estivesse no local, ou vivenciasse de alguma forma o que está sendo retratado, narrado.

Outro recurso que teve sua importância gradualmente aumentada no jornalismo multimídia foi a infografia – apresentação impressa de imagem e texto - que complementa a informação e explica melhor alguns aspectos do texto, por exemplo quando há ausência de fotografias ou dados numéricos.

Uma narrativa multimídia oferece muitos elementos e deixam o texto jornalístico mais dinâmico, interativo e, até mesmo, atrativo. São animações, textos, hipertextos, imagens, infográficos, *podcasts*, áudios, *slideshows*, e outros tantos recursos que enriquecem e podem transformar uma simples notícia, ou uma grande reportagem, em uma reportagem multimídia, como a reportagem referida neste relatório: “*Cyberbullying: Violência Virtual*”.

3.3.5 Reportagem Multimídia

O advento da internet e as novas formas de se fazer jornalismo a partir disso, provocou também uma reinvenção no espaço digital sobre a produção de uma reportagem. A web trouxe também para os jornalistas a possibilidade de produzir um conteúdo vasto, planejado e com um custo menor de operacionalização. Uma reportagem, que utiliza elementos multimidiáticos integrados e está disposta na rede, é definida como especiais por muitas redações jornalísticas.

Os especiais [...] na maioria das vezes, referem-se ao material informativo mais extenso, elaborado com mais tempo e que ocupam seções específicas de webjornal. [...], o material produzido nas seções especiais fica disponibilizado no sítio de maneira permanente e cumulativa [...]. Nestas produções, além da memória, são utilizadas com maior frequência, as características de hipertextualidade e multimidialidade na narrativa jornalística. (MIELNICZUCK, 2003, p. 52).

Já a pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, Raquel Ritter Longhi, definiu o termo “especial multimídia” assim:

Grande Reportagem construída por formatos de linguagem multimídia, convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação interativo e multilinear. (LOUGHI, 2010, p. 153).

Assim como definiu a pesquisadora, um dos produtos informativos mais ricos em elementos e produzido para o meio digital, a reportagem multimídia tem ganhado as páginas de grandes veículos de comunicação jornalística por todo o mundo.

No fim dos anos 1980, a internet chegava ao Brasil e era restrita apenas a instituições de pesquisas e professores. Ainda não existiam jornais brasileiros online. Fora do país, os jornais impressos que decidiram usar a web perceberam que precisavam se renovar para ganhar o público, que ainda era desconhecido. Mas foi só em 1995, que os jornais digitais com conteúdo específicos para a web começaram a surgir.

Em 2012, o jornal americano *The New York Times* produziu e publicou a reportagem *Snow Foll: the avalanche at Tunnel Creek*, assinada pelo jornalista John Branch. A reportagem foi muito comentada e, em 2013, recebeu o prêmio Pulitzer, o mais prestigiado prêmio do jornalismo norte-americano. Conta a história da avalanche do Tunnel Creek, nos Estados Unidos, onde três dos 16 atletas profissionais de *snowboard* morreram praticando o esporte no local. A mesma demorou seis meses para ser finalizada e se tornou a primeira reportagem multimídia disposta em um site, tornando-se modelo para todo o mundo.

Desde então, reportagens multimídias passaram a ser publicadas em portais de notícias, em sites de jornais, como especiais multimídias e em sites, criados por plataformas online, como é o caso da reportagem produzida neste trabalho.

O Grupo O Estado de São Paulo, e o Jornal do Commercio, do Recife, foram os primeiros a adotarem a experiência de reportagem multimídia no Brasil. Atualmente os conteúdos multimídias estão distribuídos entre grandes empresas de comunicação do país, Estadão, Folha de São Paulo, G1, Agência Brasil, assim como em grupos independentes.

Para Longhi (2014) em grande parte, o impacto da navegação, design e narrativa multimídia do projeto Snow Fall deve-se ao uso da linguagem HTML5, a quinta evolução do HTML (Hypertext Mark-up Language), usada para estruturar e apresentar conteúdo na web.

De acordo com a autora, unido a outras ferramentas, o HTML5 trouxe novas possibilidades técnicas para a convergência de conteúdos multimídia, que compreende o

desenho de interface e a imersão narrativa. A concepção do produto em uma única janela ou quadro é substituída pelo *scrolling*, recurso que permite a leitura e navegação por meio da barra lateral na página, propiciando uma leitura mais verticalizada.

Uma boa Grande Reportagem Multimídia, GRM, é uma matéria que combina elementos diferentes e que se complementam, com o intuito de tornar a história mais interessante, convincente e completa. Ela deve elementos como textos longos com matérias contendo mais de 4000 palavras, ou grandes reportagens com 10 ou 20 mil palavras.

A narrativa multimídia junta ilustrações, fotos, áudios, vídeos, interatividade, gráficos (para mostrar processos complicados), experiência de navegação (imersão) e uso de barra de rolagem ou clique. Além disso, ela deve tirar proveito de cada um dos recursos multimídia que a compõem. De acordo com Nora Paul:

A internet oferece diferentes exemplos de elementos que venham a constituir uma narrativa multimídia. São eles: texto; hipertexto; animações, infográficos; linha do tempo; imagens, fotos 360°; áudio *slideshow*; *podcasts*; áudio; áudio panorama; vídeo; *videocasts*; vídeo 360°; *hipervídeo* e *newsgame*. Tais itens podem ser inseridos em mais de uma das cinco grandes categorias, visto que apresentam características semelhantes entre si. (2007, p. 21).

A reportagem a qual pertence esse relatório buscou desde o início de sua produção trabalhar elementos midiáticos de uma forma interativa. Desde as aulas da professora Laís Falcão, orientadora deste trabalho, na disciplina Oficina de Tecnologias Contemporâneas em Comunicação, percebi que seria possível apresentar um trabalho que unia muitos aprendizados da graduação e então escolhi o formato reportagem multimídia para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Inicialmente pensei em fazer uma reportagem sobre *bullying*, mas quando iniciei o processo de pesquisa, leitura e busca por personagens, foram aparecendo pessoas que afirmavam terem sido vítimas dessa violência na infância. Então, pensei em fazer algo que retratasse algo mais presente, contemporâneo. Foi aí que surgiu a ideia de fazer a reportagem sobre *cyberbullying*.

Como já tinha orientadora, a professora Laís Falcão, comuniquei a ela a ideia da mudança e recebi um incentivo de que daria certo. Com seu aval, passei a buscar informações sobre o assunto e personagens para compor a reportagem.

4.1 Escolha do tema

Fui vítima *de bullying* na infância, desde os primeiros anos de escola, por ser baixinha e magra demais. O incômodo e o fato de não entender como um indivíduo pode agir dessa forma, com uma perversidade gratuita, sem se colocar no lugar do outro e causar tanto constrangimento e sofrimento, me fez querer retratar isso no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No entanto, durante o processo de coleta de dados resolvi abordar um tipo de *bullying* que, em minha opinião, se apresentou ainda mais perverso e pouco falado, o *cyberbullying*.

Apesar do mundo tecnológico e conectado no qual vivemos, toda essa integração virtual favorece apenas a propagação ampliada da prática da agressão. O fato de o crime também ser de difícil solução e vitimar qualquer pessoa também aguçou minha vontade de falar sobre. Iniciei pesquisas, leituras, montei pauta, roteiro e realizei a busca pelos personagens e fontes. A proporção em que as vítimas iam confirmando as entrevistas, minha certeza de que me empenharia para fazer o melhor, e que daria certo, também foi aumentando.

A decisão de produzir uma reportagem multimídia aconteceu após a realização de um trabalho em uma disciplina, cujo resultado me causou contento, e por agregar tantos elementos que tornam o produto mais interessante jornalisticamente. A união de mídias forma, a meu ver, uma boa narrativa para o mundo online constantemente presente.

4.2 Pauta

Toda a produção jornalística começa com a criação da pauta. Nela é possível reunir todas as informações sobre o tema da matéria. Além disso, todo o enfoque da produção é justificado e exposto na mesma.

A pauta é um recorte orientado para a construção de uma reportagem. Responsável por guiar o repórter sobre os caminhos a seguir, as questões a serem levantadas e feitas aos entrevistados. Nela também deve conter todas as indicativos para que o profissional tenha uma base sólida, que propicie uma boa apuração dos fatos, “Indicam-se fontes, produzem-se orientações para apresentação, ilustração e complementação das matérias, o que pode envolver a mobilização de vários profissionais” (LAGE, 2009, p. 31).

Uma pauta quente ou fria exige uma elaboração bem estruturada, para que todo o trabalho pensado seja concretizado de forma satisfatória. Já uma pauta para uma grande reportagem, ou uma reportagem multimídia, além de uma peça de planejamento importante, requer maior premeditação. Ela é mais extensa, necessita de detalhes sobre todos os recursos multimídias que devem compor a produção jornalística.

A pauta da reportagem multimídia descrita neste relatório incluiu todos os tópicos necessários a construção de uma pauta ideal. Além das fontes, exigências para a cobertura e sugestões, também foram apontadas todas as indicações de mídias necessárias para a o início da realização da reportagem. Pesquisas sobre a temática no âmbito mundial, nacional e local, além de dados de Alagoas também foram adicionados.

Quatro personagens, vítimas de *cyberbullying*, constituem a reportagem. Uma psicóloga e psicoterapeuta foi entrevistada como fonte especialista e um delegado de crimes cibernéticos e a delegacia especializada como fontes oficiais. As quatro vítimas vivenciaram tipos distintos da violência virtual e foram escolhidas exatamente pelas histórias fortes e reais pelas quais passaram e pela forma sincera que dispuseram a contá-las.

A maneira como as histórias foram retratadas, com os personagens dispostos a falar sobre um assunto que os machuca e que gerou sequelas e cicatrizes ainda tão vivas, é o grande diferencial da reportagem. Procurei abordar as narrativas com respeito, verdade e emoção, pois como sofri *bullying* mantive a preocupação de tratar o assunto de forma clara e com empatia.

Todos os personagens são alagoanos, pois quando pensei na reportagem, quis que as histórias fossem de pessoas da minha terra, para transmitir uma ideia de proximidade, assim como também busquei dados locais sobre a temática.

Áudios, vídeos, fotos e infografias foram produzidos durante as entrevistas para compor a reportagem multimídia. Esses tipos de mídias foram escolhidos porque o tipo de reportagem que escolhi exige, mas também porque estou habituada a trabalhar com elas na faculdade e no estágio.

Com a pauta totalmente preenchida e detalhada (anexada no final do relatório), iniciei a pré-produção.

4.3 Pré-Produção

4.3.1 *Análise das Fontes*

Após a decisão do tema, a busca por personagens foi o primeiro passo para a produção da pauta e, conseqüentemente, concretização da reportagem. Busquei informações e indicações de familiares e amigos próximos para as fontes cotidianas e demorou alguns dias para conseguir fechar os quatro personagens que compõem a reportagem, tendo em vista que especialistas e fontes oficiais já estavam definidas.

Como se trata de uma produção totalmente independente, com orçamento próprio e mínimo, as entrevistas foram previamente marcadas em contato via telefone, ou redes sociais, em horários e locais acordados com as fontes, visando o tempo, disponibilidade e comodidade das mesmas. Duas entrevistas tiveram gastos com viagem e alimentação, pois os personagens residem em cidades do interior de Alagoas.

Todas as fontes foram escolhidas mediante os casos impactantes de *cyberbullying* que sofreram. Os relatos firmes, precisos e detalhados de todos permitiram contar como essa violência ocorre, o impacto que gera na vida das pessoas, como foram combatidos e superados por elas.

Marcados os encontros e com a pauta pronta, iniciei a fase de entrevistas.

4.3.2 *Sequência de Abordagem*

Com o conceito de reportagem multimídia já compreendido, devido a disciplina e trabalhos realizados na graduação, iniciei a produção da reportagem pelas entrevistas, que foram individuais com o método semiestruturado, para dar verdade e espontaneidade aos relatos dos personagens. Algumas entrevistas tiveram que ser remar cadas várias vezes. Duas delas foram realizadas em cidades do Agreste e Sertão de Alagoas, Palmeira dos Índios e Olho

D'Água das Flores, respectivamente. Por isso, o processo exigiu maior adequação e precisão para acontecer.

Fiz uma lista de perguntas, para seguir um certo padrão, mas como entrevistas semiestruturadas o assunto fluiu naturalmente e os relatos não são, rigorosamente, baseados apenas nas questões que listei previamente. Além disso, apesar dos relatos tratarem de *cyberbullying*, cada uma das narrativas tem suas particularidades.

O primeiro personagem a ser ouvido, Alexandre Adonnys, marcou o encontro em um shopping de Maceió. Desta forma realizei a primeira parte (ouvi os relatos e fiz algumas fotos) no local, mas uma segunda parte da entrevista foi gravada em seu apartamento, no bairro Cidade Universitária, onde concluímos e realizamos a gravação do vídeo.

A segunda entrevista a ser realizada foi com a educadora Michelle Nunes. Depois de remarcada quatro vezes, fui até a cidade em que ela reside e realizei a entrevista em uma tarde. Como ela não quis ser identificada e não autorizou a gravação do vídeo, áudio e fotos foram editados e sofreram modificações para integrarem a reportagem. Como terceira entrevistada, a estudante Jayne Cavalcante respondeu às perguntas durante o intervalo de almoço do seu trabalho, no campus da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), local escolhido por ela.

O delegado Thiago Prado foi o quarto entrevistado. Marcamos uma vez, mas devido aos compromissos profissionais, ele pediu para adiarmos. O encontro aconteceu dois dias depois, na sede da Divisão Especial de Investigação e Captura (Deic), no bairro da Santa Lúcia, em Maceió. Para esta entrevista contei com o apoio da minha amiga, também estudante de jornalismo, Eurídice Carvalho. Ela operou a câmera e realizou a gravação em vídeo.

Já as entrevistas com o político, Júlio Cezar, demoraram mais. Foi remarcada diversas vezes, devido aos compromissos e incompatibilidades de horários. No entanto, após muito persistir, a mesma foi realizada em Palmeira dos Índios, onde ele é prefeito atualmente. Já a psicóloga Liedja Rocha concedeu a entrevista em uma tarde na sua casa, em Arapiraca.

Feitas todas as entrevistas, iniciei o trabalho de pesquisa para a produção do texto e votei ao Deic, para visitar a seção de Crimes Cibernéticos, e colher dados e informações sobre o *cyberbullying* em Alagoas.

Também pesquisei como o *cyberbullying* ocorre e é tratado nas redes sócias, onde os usuários ficam mais expostos. A violência virtual em questão ocorre no Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp, Youtube. Em 2018, o Instagram anunciou a criação de uma ferramenta com foco em combater o *cyberbullying*. Focada na divulgação de fotos e vídeos curtos, a rede social é a principal entre os para praticar a violência virtual. O executivo do Instagram, Adam

Mosseri, afirmou que apesar da ferramenta, não há muito a ser feito nas redes sociais, pois o *cyberbullying* é um fenômeno muito complexo.

No entanto, as redes sociais possuem ferramentas que permite que o usuário denuncie formas de *cyberbullying* dentro da rede social. As plataformas estão cada vez mais atentas e dispostas a banir usuários que pratiquem violência virtual, dando fins as postagens, comentários e mensagens avaliadas como malélicas. Atualmente, a identificação de *cyberbullying* também acontece com a ajuda de robôs - *machine learning* (aprendizado de máquina) - que servem para encontrar automaticamente as ações.

Ainda que com a denúncia feita pelos usuários sobre comentários abusivos, nocivos, de assédio e *bullying*, é necessário ressaltar que os comentários são em massa e não são apagados de forma imediata pelas plataformas.

Há também os ataques de *bots* – robôs - que são programas de computador criados para rodar pela internet realizando tarefas automatizadas e repetitivas. O *bot* pode ser usado de forma benéfica ou maléfica, os chamados “*bots do mal*” encontram sites vulneráveis aos ataques e são capazes de apresentar sites falsos aos usuários desatentos, espalhando *fake news*.

Segundo pesquisa feita, em 2017, pela Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, de um total de 330 milhões de perfis no Twitter, 15% eram falsos e compostos por *bots*. Estes tinham a função de retuitar, tuitar e seguir os chamados influenciadores para engrossar estatísticas de políticos e de famosos. Desde então, o Twitter passou a dar ênfase maior para o problema e eliminou milhões de contas identificadas como falsas dentro da rede. O mesmo tipo de situação tem ocorrido no Instagram e no Facebook.

Combater os *bots* também é um problema, pois a cada nova intervenção para dificultar a criação automática de perfil robô, seus criadores modificam a ferramenta e expandem suas capacidades para contornar novos mecanismos de segurança.

4.4 Produção

4.4.1 Equipamentos

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo. Fiz registro fotográfico e anotações que ajudaram a montar o texto da reportagem. Os equipamentos e meios utilizados para as gravações foram próprios. Parte deles eu já tinha.

Como a ideia era que eu realizasse toda a produção com meu equipamento, sem contratar outro profissional, pois não havia verba disponível, pode-se dizer que a produção foi

feita de modo simples, sem câmeras profissionais, mas com muita dedicação, cuidado e buscando o melhor resultado.

Foram utilizados:

- Um *smartphone* Samsung Galaxy J7, com tela de 5x5 polegadas e câmera de 13 *megapixels* e resolução de 4128x3096 *pixels*, que permite gravar vídeos em alta definição (Full HD) com uma resolução de 1920x1080 *pixels*.
- Um Iphone 5s, Apple, com tela de quatro polegadas e a resolução de 1136x640 *pixels*. A câmera de 8 *megapixels* tirar fotos com uma resolução de 3264x2448 *pixels* e gravar vídeos em alta definição (Full HD) com uma resolução de 1920x1080 *pixels*.
- Uma câmera digital Sony, *Cyber-shot* DSC W730, câmera de 16,1 MP de resolução. Filma em HD, resolução 1280x720 *pixels*.
- Microfone de lapela, Plug & Play, com conector P2 de 3,5mm. Cabo de 90cm de comprimento.
- Tripé flexível articulado. Usado para câmeras compactas e aparelhos celulares.

4.4.2 Redação

A produção do texto ocorreu logo que as entrevistas foram realizadas. Com o intuito de fazer um conteúdo informativo e diferenciado, iniciei o texto com alguns questionamentos sobre o tema e segui falando sobre a origem e tempo em que o *cyberbullying* passou a ser considerado crime. Em seguida, o conteúdo expõe dados sobre a temática no mundo, no Brasil e em Alagoas, conforme dados colhidos no Instituto de Pesquisas Ipsos, no Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e na seção de crimes cibernéticos da Divisão Especial de Investigação e Captura (Deic), no estado. Em seguida, a reportagem traz o primeiro caso mundial registrado do crime.

Uma das minhas preocupações em relatar os depoimentos das vítimas era retratá-los de maneira fútil, sem sensibilidade, ou seca e impessoal demais. No entanto, escolhi escrever os relatos de forma emocional e simples, sem apelação, mas com o respeito necessário para dar emoção, verdade, empatia e indignação perante os fatos contados. Assim conhecemos os quatro personagens, seus relatos fortes, suas dores e superações.

A cada entrevista realizada, buscava checar e apurar a veracidade das informações que me foram passadas por cada personagem da reportagem. Ouvi familiares, amigos, assessores,

pesquisei dados e notícias relacionadas aos casos e em nenhum dos relatos houve discrepância. Todas as fontes ouvidas foram coerentes e verdadeiras em seus relatos.

Como não encontrei nenhuma incoerência nas narrativas, parti para a construção do texto da reportagem, onde busquei enveredar pelo caminho da conscientização, com exemplos, esclarecimentos jurídicos, legais e psicológicos. A reportagem também traz orientações sobre como se prevenir, reagir e denunciar

4.4.3 Edição

O processo de edição foi o início de abril de 2019. Com a parte textual já pronta, iniciei as edições e trabalhos com as mídias, fotos, áudios e vídeos. Todos os trabalhos de edição foram devidamente orientados pela professora Laís Falcão.

Realizei uma pesquisa com alguns profissionais para concretizar a montagem e demais necessidades da reportagem, mas percebi que não teria recursos para tal. Então, montei a reportagem eu mesma, na plataforma Wix.com, que é básica, de fácil manuseio e contém todas as ferramentas para montagem e hospedagem em site.

Utilizei programas de edição que foram apresentados a mim durante as aulas na universidade. Para gravação e edição de áudio, utilizei o gravador de voz do próprio celular e o *software* Audacity. Já para as edições de vídeos, utilizei o Windows Movie Maker e o Lighworks. As poucas correções feitas em fotos foram realizadas através do Photoscape e do Ligthroom. Todos os aplicativos utilizados têm versões gratuitas.

4.4.4 Web design

O web design escolhido para uma reportagem multimídia deve ser pensado como parte da mesma, pois todo o conteúdo pode perder o sentido e comprometer a mensagem e informação a ser passada ao leitor. A organização virtual no meio digital apresenta uma infinidade de opções. O *layout* das reportagens deve conversar com o tema e é essencial para manter a atenção. E ao produzir uma reportagem multimídia deve-se levar em conta a ideia de movimento. Este deve ser presente ao longo de toda a narrativa devido ao texto longo.

Plataformas de criação gratuita de sites como o Wix.com disponibilizam *templates* temáticas que agilizam o trabalho de web design e servem de base para esse trabalho criativo. A *template* escolhida para a reportagem tem como inspiração as reportagens multimídias em sites e feitas pelos jornais e portais de notícias internacionais, nacionais e locais. Escolhi uma

template fluída, dinâmica e limpa. Segui a técnica de aplicar faixas ao longo de toda a página para deixar a reportagem mais dinâmica à medida que o leitor vai seguindo a barra de rolagem.

Figura 1 – O site da reportagem seguiu o modelo de reportagens multimídias nacionais.



Por Mara Santos - 30 de agosto de 2020

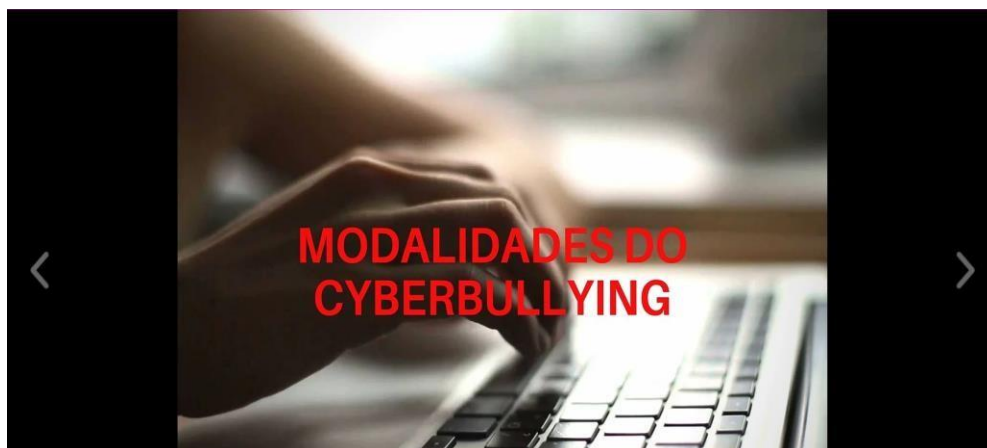
Quem nunca viu ou soube de casos de grandes perversões? Como alguém debochando de outra pessoa, criando e propagando apelidos, exaltando defeitos e imperfeições do outro? Discriminação, implicância, agressões verbais, físicas e humilhação não são comportamentos novos. No entanto, há alguns anos ganharam um olhar mais atento de médicos, pesquisadores, educadores e até da justiça. E a forma como o problema é encarado tem mudado com o tempo.

Fonte: arquivo da autora.

Os elementos essenciais de design foram seguidos, o alinhamento, a proximidade, o contraste e a repetição (WILLIAMS, 2006) foram pensados de forma a proporcionar uma boa organização da reportagem, boa leitura e unidade visual. O alinhamento uniforme e a esquerda para o texto, centralizado para citações, bigode, título e intertítulo.

A página está organizada, asseada, de fácil adaptação aos olhos. O texto não possui espaçamento entre os caracteres e tem o automático entre linhas. E as fontes e os tamanhos das mesmas foram tecnicamente pensados para evitar distorções, desconforto ou impossibilidade de leitura.

Figura 2 – Carrossel explicando as modalidades do cyberbullying.



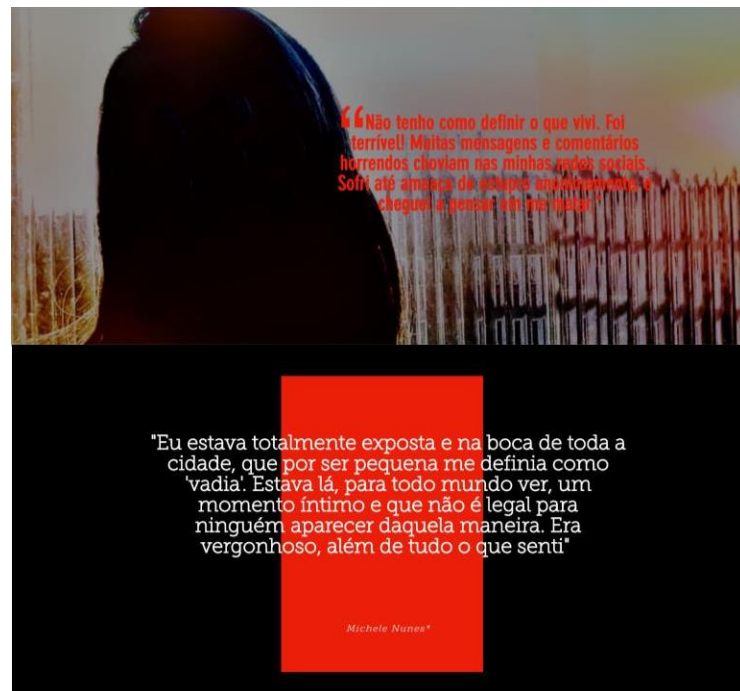
Fonte: arquivo da autora.

Foram usadas quatro fontes: *DIN Neuzeit Grotesk*, *DIN Nex Ligth*, *Georgia* e *Museo Lab*. Que, a meu ver, se comunicam, funcionam juntas, são legíveis e formaram uma boa tipografia. Título, subtítulo e corpo de texto possuem fontes distintas, mas que conversam entre si e mantêm a reportagem harmônica. A *DIN Neuzeit Grotesk* possui uma geometria clássica. Já a *Georgia*, escolhida para o corpo do texto, é uma fonte com serifa clássica, séria e elegante, que facilita a leitura e aumenta a legibilidade.

Os tamanhos da fonte usados foram 115, 65, 35, 30 e 18, pois variam em título, subtítulo, bigode, texto, citações e intertítulos. Para títulos, intertítulos e citações foram escolhidas fontes maiores e mais modernas, para ser coerente com a temática, dar movimento e deixar a página menos estática e mais dinâmica.

Em relação a cor, a reportagem tem uma paleta de cores usada de forma harmônica, formada por vermelho, cinza, preto e branco, também aplicadas como filtros sobre imagens que a compõem. As mesmas são sóbrias, clássicas, transmitem clareza, seriedade e força, juntas elas se apresentam esteticamente mais limpas e favorecem a construção informativa. Já para títulos, intertítulos e citações foram escolhidas fontes maiores e mais modernas, para ser coerente com a temática.

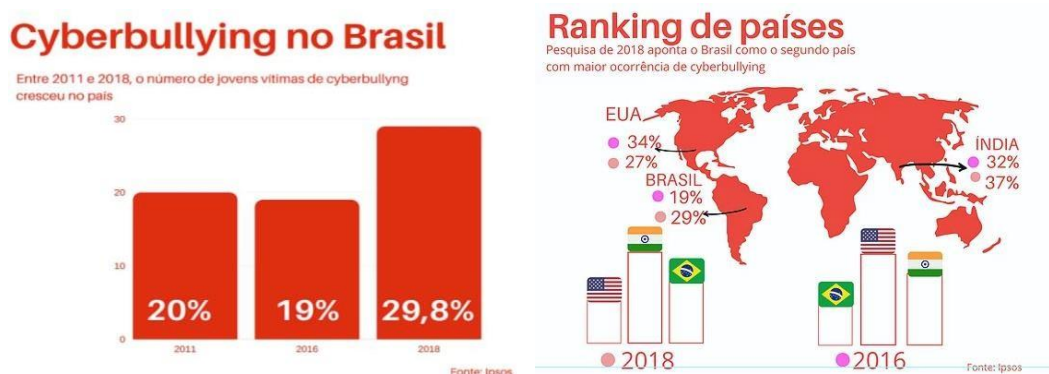
Figura 3 – Foto e citações assegurando o sigilo da fonte que pediu para não ser identificada na matéria.



Fonte: arquivo da autora.

Fotos, citações, vídeos e áudio foram colocados em faixas aplicadas na página, assim como os intertítulos. As fotos e citações das vítimas receberam bastante destaque ao longo da matéria, tendo em vista a finalidade de registrar essas histórias. Ferramentas disponíveis do site Wix.com, que abriga a reportagem, também foram utilizadas, como *players* de áudio e vídeo, galeria de imagens, entre outras. As peças de infografia, como gráficos, foram colocados no corpo do texto.

Figura 4 – Gráficos sobre o Cyberbullying no Brasil e no mundo.

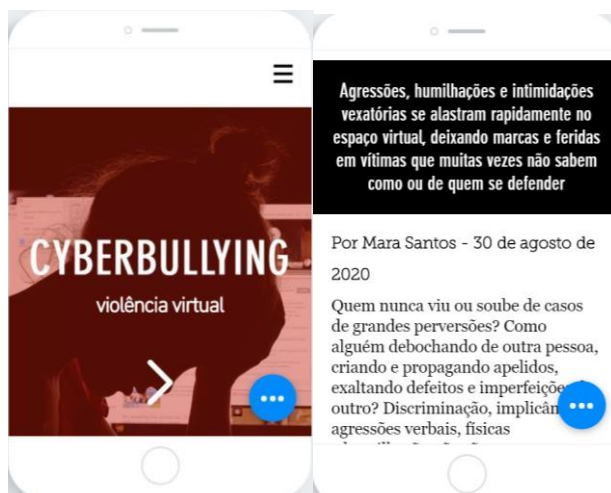


Fonte: arquivo da autora.

Pensando na atual situação tecnológica mundial, onde quase todos os leitores usam e acessam conteúdos por meio do *smartphones*, foi feito um design responsivo para a visualização

da reportagem no aparelho. A otimização para aparelhos móveis garante mais acessos a matéria, visto que conforme pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é pelo *smartphone* que os brasileiros mais acessam a internet.

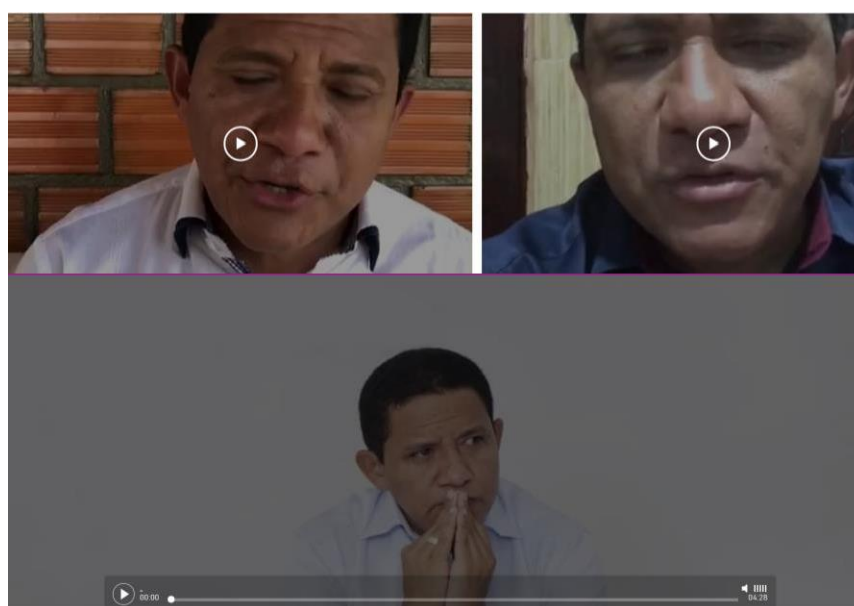
Figura 5 – Reportagem multimídia na versão mobile do wix.com.



Fonte: arquivo da autora.

Portanto, aliar a interatividade, a multimidialidade e navegabilidade, o design visual e responsivo, é necessário em reportagens multimídias para que o acesso do leitor não seja cansativo, mas fácil e prático.

Figura 6 – Basta o(a) leitor(a) clicar nos vídeos e áudios para ter acesso aos seus conteúdos.



Fonte: arquivo da autora.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concluir a reportagem, após um intenso e desafiador período de produção me fez perceber que é possível realizar um trabalho extenso e aprender com ele. Produzir esse Trabalho de Conclusão de Curso permitiu que eu colocasse em prática todo o aprendizado da graduação, além de aprimorar habilidades com programas de edição e ferramentas de criação de sites.

O trabalho tem importância e relevância jornalística, pois mostra uma parte da sociedade que tem que lidar com a falta de empatia para com o outro. Ademais, o trabalho também contribui para que as pessoas conheçam e se informem sobre um tipo de crime que reside no meio virtual, um ambiente onde muitos habitam constantemente e parecem não dimensionar o quanto estão suscetíveis aos perigos, agressões e humilhações.

Os relatos, questionamentos, informações e esclarecimentos, levam o leitor a avaliar a exposição no meio virtual e a enxergar o outro com mais empatia e respeito. A história dos personagens nos dá uma noção exata do quanto a violência virtual agride, machuca, choca. Também assusta, pois qualquer um pode ser vítima e qualquer um pode se tornar agressor. Um lugar onde agressores se camuflam, se escondem, e muitas vezes não tem rosto. No entanto, no mundo real, há punição, investigação e o agressor que se oculta na rede, pode sim ser descoberto e devidamente punido.

O *cyberbullying* nada mais é do que a chacota, a perseguição, a humilhação, a maldade, a agressão gratuita, que ocorre desde os primórdios e foi levada para dentro do meio virtual, destruindo relações e autoestima. Mas a reportagem também mostra que é possível se erguer, denunciar e tocar a vida após uma agressão virtual. E este é o caminho indicado na reportagem. Fazer com que os leitores se identifiquem com os relatos das vítimas, mas que reaja, busque justiça e possa ver o mundo melhor apesar de tudo.

A reportagem multimídia foi produzida com o intuito de oferecer um conteúdo dinâmico, completo e informativo. A inclusão das mídias busca dar leveza e interação na leitura, para que o leitor possa imergir com o conteúdo. Esse formato de jornalismo vem ganhando corpo ao longo dos anos, dentro da sala de aula, nos estágios, nos sites e portais de noticiais, na comunicação. Apesar disso, há uma discussão no jornalismo sobre a divulgação do formato de reportagem multimídia em site, pois as matérias ficam em sites próprios ou na aba dos especiais multimídia, não aparecendo nas páginas iniciais dos portais. Por isso, para que haja a leitura e que as pessoas conheçam esse tipo de trabalho é necessárias ações de divulgação.

A reportagem referente a este relatório foi produzida e pensada para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desde o princípio pensei em divulgá-la, mas alguns dos

personagens só aceitaram contar suas histórias após saber que seria para este fim e mencionaram que não gostariam que fossem divulgadas. No entanto, após a apresentação do trabalho, tentarei conseguir a autorização dos mesmos para postar no site em que já faço estágio há quatro anos, cujo editor, e patrão, já demonstrou interesse em publicar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha *do cyberbullying* como tema para este trabalho partiu da minha indignação com o assunto e da necessidade de compreender o que leva alguém a praticar esse tipo de agressão gratuita e até que ponto as vítimas podem ser afetadas.

A violência virtual é uma realidade, no mundo atual e cada vez mais conectado, e não se pode ser indiferente a ela. É preciso alertar as pessoas quanto aos perigos e transtornos que a internet e as tecnologias da informação e comunicação oferecem. Também é necessário conscientizar e sensibilizar as pessoas para as reverberações nefastas provocadas pelo *cyberbullying* nas vítimas.

É necessário que as pessoas percebam que denegrir, expor e humilhar o outro de maneira vexatória não pode ser considerado, em nenhuma hipótese, como uma brincadeira, algo engraçado ou como algo bobo, pequeno, sem importância ou socialmente aceitável.

Conforme os relatos dos personagens da reportagem detalhada neste relatório, o *cyberbullying* causou danos e deixou marcas permanentes em suas vidas. Ao entrevistar e ouvir as histórias das vítimas, deparei-me com uma violência gratuita, sem justificativa, muitas vezes com a autoria desconhecida, mas que causam dor, prejuízos. As vítimas narram sentimentos de raiva, tristeza, humilhação, medo, desespero.

Ao mesmo tempo, produzir esse trabalho me fez ver que apesar de terem suas vidas viradas de cabeça para baixo, as vítimas também relatam muita determinação e força, para resolver a situação e tocar a vida. Alguns procuram justiça, outros se erguem novamente apesar de todo o mal vivido.

A produção deste trabalho foi muito benéfica para mim. Pude colocar em prática o que aprendi na graduação, aplicar e aprimorar conhecimentos e técnicas próprias do jornalismo. Tive a oportunidade de aprender, de me situar, de afirmar minhas atitudes e convicções pessoais, além de perceber e identificar como e que tipo de profissional quero me tornar.

A reportagem produzida também contribui para o jornalismo local, pois traz histórias de alagoanos que sofreram com o *cyberbullying*, além de formas de denunciar o crime em Alagoas. O material também coopera para a prática da reportagem multimídia, visto que está sendo considerada uma tendência em portais de notícias e sites de jornais brasileiros e locais. As produções desse formato de reportagem serviram como base para o meu trabalho, que traz elementos para discutir como esse tipo de conteúdo produzido por jornalistas pode ser feito de forma independente – sem está vinculado com organizações jornalísticas.

O jornalismo se justifica por sua função social de informar e prestar serviço público à população, ele deve atuar sempre pelo bem da coletividade, e isso se materializa na sua capacidade de informar sobre assuntos de interesse público que ajude as pessoas a ter uma melhor compreensão do mundo e de seus acontecimentos.

Ainda com poucos dados disponíveis sobre o *cyberbullying*, o trabalho aponta que as agressões virtuais têm sido cada vez mais frequentes, graves e que qualquer pessoa pode se tornar vítima. No entanto, mostra que as pessoas não podem e não devem enfrentar o problema sozinhas e que há meios de identificar e punir os agressores.

As mudanças da sociedade nos hábitos de leitura e busca por informação fez com que a escolha de uma reportagem multimídia se justificasse, devido a multimídia e interatividade, tão atrativas no mundo tecnológico e apressado. A intenção é despertar no leitor a consciência de que é preciso ter empatia, respeito e tolerância com o outro, com a vida do outro.

Foi realizado, ainda que de forma básica e sem muito recurso, um trabalho com todos elementos exigidos para uma reportagem multimídia, mas com todo o cuidado, atenção e esmero que um trabalho jornalístico merece, conforme o aprendizado durante toda a graduação e as exigências de um TCC.

Quanto a minha formação, a realização deste trabalho me proporcionou praticar os ensinamentos transmitidos na graduação, tanto pelo engajamento no meio jornalístico quanto pela responsabilidade social que a profissão e o tema exigem. Produzir o mesmo me trouxe a oportunidade de me transformar e de perceber a quem transformar. Trouxe-me também uma visão de mundo mais alargada e elevada a nível de compreensão. E fortaleceu a ideia de que o jornalista pode, pela ação e reflexão, contribuir para a transformação da sociedade.

Toda a produção da reportagem multimídia, assim como do trabalho como um todo, foi para mim um grande aprendizado. Aplicar todos os ensinamentos passados pelos professores durante a graduação foi uma experiência única, enriquecedora, que me fez querer me aplicar mais, me aprimorar e estudar mais no intuito de me tornar uma grande profissional.

Concluo reafirmando, com esperança, que um mundo melhor é possível, com consideração, onde as pessoas se coloquem no lugar do outro, onde não desejem para o outro o que não querem para si, onde se respeitem. Basta o entendimento, deferência e empatia. É a base das relações sociais e da comunicação.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Z. L.; MORAES, F. Instantaneidade e memória na pesquisa sobre o jornalismo online. In: LAGO, C.; BENETTI, M. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- AQUINO, M. C. *Um resgate histórico do hipertexto: O desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes*. Disponível em: <https://bit.ly/3kfN2fu>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. Princípios internacionais da ética profissional no jornalismo. Disponível em: <https://is.gd/zUcfcw>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- BARBOSA, S. *Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador (BA), novembro de 2002.
- BELSEY, B. What is cyberbullying?, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3lZCWzY>. Acesso em: 18 out. 2019.
- BELEY, B. Cyberbullying: An Emerging Threat to the — Always Onll Generation, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3dPsQ1P>. Acesso em: 18 out. 2019.
- BRASIL, Código Penal. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 138 p. Conteúdo: Código penal – Decreto-lei no 2.848/1940.
- BRASIL. Constituição (1998). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1988.
- BRASIL. Lei 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate a Intimidação Sistemática. *Diário Oficial*, Brasília, 10 novembro. 2015. Disponível em: <https://is.gd/f4aW5m>. Acesso em: 22 nov. 2019.
- BRASIL. Lei 13.663, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. *Diário Oficial*, Brasília, 15 maio. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm. Acesso em 22 nov. 2019.
- CAMPBELL, M. *Cyber-bullying: An old problem in a new guise?*. Australian Journal of Guidance and Counseling, 15, 68-76, 2005.
- CAMPOS, M. *O cyberbullying. Natureza e ocorrência em contexto português*. (Dissertação de mestrado em psicologia social e das organizações). ISCTE: Lisboa, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/31iYY8X>. Acesso em: 12 set. 2019.

CANAVILHAS, J. M. *Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web*. 2001. Disponível em: <https://bit.ly/358dxgI>. Acesso em: 05 nov. 2019.

CASTILHO, C. *Efeito 'snowfall' abre oportunidades para o jornalismo multimídia*. Observatório da Imprensa. Disponível em: <https://is.gd/WBbEKo>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Vitória /ES: Federação Nacional dos Jornalistas, 2007, 4p.

COLLE, R. Infografía: tipologías. *Revista Latina de Comunicación Social*. n. 57, de enero-junio de 2004, La Laguna (Tenerife). Disponível em: <https://bit.ly/2H4aa2p>. Acesso em 16 ago.2019

CHISTOFOLETTI, R; LAUX, A. P. F. *Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera*. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol. 31, núm. 1, pp. 29- 50, 2008.

DEL BIANCO, N. R. *A Internet como fator de mudança no jornalismo*. 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2Ha5tDW>. Acesso em: 08 ago. 2019.

DREDGE, R.; GLEESON, J.; GARCIA, X. *Cyberbullying in social networking sites: An adolescent victim's perspective*. *Computers in Human Behavior*, 36, 13-20, 2014.

EJC, Manual de Verificação: um guia definitivo para a verificação de conteúdo digital na cobertura de emergências. Disponível em: <https://bit.ly/3kcdmXY>. Acesso em: 17 ago. 2019.

FANTE, C. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artimed, 2008).

FERRARI, P. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2014.

FONSECA, V.; LINDEMANN, C. Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 34, dez. 2007. Disponível em: <https://is.gd/dEKl0q>. Acesso em: 17 mar. 2020.

FRIAS FILHO, O. O que é falso sobre fake news. *Revista USP*, 116, p.39-44, 2018.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHANN, Wellington. *O jornalismo digital na era da desinformação*. Observatório da Imprensa, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2IJDLys>. Acesso em: 16 ago. 2019.

KIRIAKIDIS, S. P.; KAVOURA, A. Cyberbullying: A review of the literature on harassment through the internet and other electronic means. *Family and Community Health*, 33(2), 82-93, 2010.

LENZI, Alexandre. Desafios no redesenho das redações convergentes: produção multimídia e as relações de trabalho. *Vozes e diálogos*. Itajaí, v. 13 n. 02, jul/dez. 2014.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Editora. 34. São Paulo 1993. 230p.

- LISBOA, C.; Koller, S. H. Interações na escola e processos de aprendizagem: fatores de risco e proteção. In: J. A. Bzuneck & E. Boruchovitch (org.). *Aprendizagem: processos psicológicos e contexto social na escola* (pp. 201-224). Petrópolis: Vozes, 2004.
- LONGHI, R. R. Infografia on-line: narrativa intermídia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, ano 6, n. 1, p. 187-196, janeiro-junho de 2009.
- LONGHI, R. R. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. *Estudos em Comunicação*, nº 7 - Volume 2, 149-161, maio de 2010.
- LONGHI, R. R. O turning point da grande reportagem multimídia. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, setembro-dezembro de 2014.
- MAIDEL, S. Cyberbullying: Um Novo Risco Advindo Das Tecnologias Digitais. *Revista electrónica de investigación y docencia* (reid), 2, jun 2009, p. 113-119. Disponível em: <https://bit.ly/2IyRSX9>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- MEDINA, C. A. Entrevista, o diálogo possível. Ática, São Paulo: 1986.
- MIELNICZUK, L. *Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. Tese de Doutorado. FACOM/UFBA, 2003.
- MIELNICZUK, L. (Orgs). *Jornalismo e Tecnologias móveis*. Covilhã: UBI, LabCom, Livros Labcom, 2013.
- PACKER, R. Enfim, o que é multimídia? In: LEÃO, Lucia. *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.
- PALACIOS, M. *Jornalismo Online, informações e memória*. Comunicação apresentada nas jornadas de Jornalismo Online. Porto: Universidade de Beira Interior, 2002.
- PAUL, N. Elementos das narrativas digitais. In: Ferrari, Pollyana (org), *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Editora Contexto, p. 121-139, 2007.
- PEREIRA, F. H. O jornalista sentado e a produção da notícia on-line no CorreioWEB. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan./ jun. 2004.
- PINHEIRO, L. *Cyberbullying em Portugal: uma perspetiva sociológica*. (Dissertação de mestrado em Sociologia: desenvolvimento e políticas sociais). Universidade do Minho, Minho, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3dCQgap>. Acesso em: 12 set. 2019.
- RODEGHIERO, C. C. *Violência na Internet: um estudo do cyberbullying no Facebook*. 2012. Tese (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas, UCPEL, Pelotas, RS.
- SANTAELLA, L. Considerações sobre a encruzilhada das mídias. In: SANTOS, Elisio dos; VARGAS, H.; CARDOSO, J. B. (Orgs). *Mutações da cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SIMÕES, J. A.; Ponte, C.; Ferreira, E.; Doretto, J.; Azevedo, C. *Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile: CESNOVA e FCT*. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/37wArkL>. Acesso em: 27 jun. 2019.

SOUSA, J. P. *Elementos de jornalismo impresso*. Porto, 2001, 542p. Disponível em: <https://bit.ly/31koWJf>. Acesso em 02 de junho de 2020

WENDT, G. W.; Campos, D. M.; Lisboa, C. S. M. *Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: bullying, cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea*. Cadernos de Psicopedagogia, 8, 41-52, 2010.

WILLARD, N. The Autothritry and Responsibility of School Officials in Responding to Cyberbullying. *Journal of Adolescent Health*, 41, 564-565, 2007.

WILLARD, N. *Cyberbullying, Sexting, and Predators, Oh My! Addressing Youth Risk in the Digital Age in a Positive and Restorative Manner*, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2T5YeiP>. Acesso em: 28 mai. 2019.

WILLIAMS, R. *Design Para Quem Não é Designer: Noções Básicas de Planejamento Visual*. São Paulo: Callis, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/37kyojh>. Acesso em: 18 out. 2020.

ANEXOS

PAUTA
Data: 14/11/2019
Nome do pauteiro (produtor): Mara Santos
Nome do editor: Laís Falcão
Nome do repórter: Mara Santos
Retranca: Violência Virtual

Tema: <i>Cyberbullying</i> , violência virtual.
Gancho: aumento do número de casos de vingança pornográfica em Alagoas, exposição sem autorização nas redes sociais e na web, provocando danos psicológicos, morais e pessoais às vítimas.
Relevância/objetivo Prática cruel e que deixa marcas nas vidas das vítimas, o <i>Cyberbullying</i> é uma das formas de violência que mais cresce no mundo. Com o advento da internet e com o mundo totalmente conectado como nos dias atuais, esse tipo de agressão tem sido cada vez mais constante na rede. A reportagem tem o objetivo de informar as pessoas sobre os danos que o <i>cyberbullying</i> pode acarretar na vida de quem vive e convive com o mesmo e os danos no âmbito social e psicológico. Outro objetivo da reportagem é mostrar o que as pessoas devem fazer caso seja vítima, onde procurar ajuda e esclarecer que se trata de um crime passível de punição. Além disso, a reportagem visa conscientizar as pessoas sobre seus direitos e deveres em relação ao próximo também no meio virtual, provocando uma reflexão sobre suas atitudes e comportamento diante da prática errônea de agressões na rede. Contar a história de pessoas que sofreram com esse tipo de violência, como se sentiram, enfrentaram e superaram as agressões, de forma legítima e sensível, para trazer à mente do leitor a conscientização sobre como lidar com uma das práticas mais provocativa e insensível da ‘sociedade virtual’.
Dimensões de abordagem e procedimentos para o repórter: Ouvir pessoas que tenham sido vítimas de <i>cyberbullying</i> , em modalidades diferentes da violência. Esta é a abordagem principal da reportagem, que será baseada nas histórias das vítimas diante dessa violência, mostrando o quanto danoso foram os efeitos na vida e saúde mental das mesmas. Relatar como vivenciaram, enfrentaram, o que fizeram para superar e como convivem com as marcas deixadas pela violência. <ul style="list-style-type: none"> • Ouvir especialistas, ver dados locais e nacionais a respeito. Buscar a origem, as possíveis punições; • Buscar informações na delegacia, de preferência especializada; • Ouvir o delegado de crimes cibernéticos. • Fazer um panorama da violência no mundo, Brasil e Alagoas. • Tentar levantar quantos casos foram registrados no estado e quais as modalidades mais ocorridas. • Entrevistar um psicólogo;
Fontes oficiais: <ul style="list-style-type: none"> • Thiago Prado - Delegado responsável pela seção de crimes cibernéticos, em Alagoas.

<ul style="list-style-type: none"> • Divisão Especial de Investigação e Capturas (DEIC) - Secção de Crimes Cibernéticos.
<p>Fontes cotidianas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jayne Cavalcante – Estudante - Foi vítima de humilhação, chacota e teve sua intimidade divulgada na escola e na pequena cidade em que reside. • Alessandro Adonnys – Auxiliar Administrativo- Teve um perfil falso criado em um aplicativo de paquera <i>gay</i> afirmando que ele era portador do vírus da AIDS. • Ana Paula – (Criar nome fictício, pois a fonte pediu para não ser identificada) – Professora - Teve um vídeo íntimo divulgado na internet, onde ela aparece fazendo sexo com um ex-namorado. • Júlio Cezar- Jornalista, político, atual prefeito de Palmeira dos Índios, município do Agreste alagoano- Teve uma suposta fotografia sua, onde aparece nu, divulgada por uma ex-namorada nas redes sociais.
<p>Fontes especialistas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Liedja Rocha- Psicóloga e Psicoterapeuta.
<p>Fontes documentais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visões globais sobre <i>cyberbullying</i>- Instituto de Pesquisas Ipsos- https://www.ipsos.com/en/global-views-cyberbullying • Pesquisa Unicef sobre <i>bullying on line (cyberbullying)</i> - Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)- https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-um-terco-dos-jovens-em-30-paises-relatam-ser-vitimas-bullying-online
<p>Sugestões de perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Para as vítimas: <ol style="list-style-type: none"> 1- Quando, como e onde estava quando recebeu a notícia de que tinha sido vítima de <i>cyberbullying</i>? 2- Qual o tipo de conteúdo divulgado e do que se tratava? Era real ou foi montado? 3- Como você se sentiu? Qual foi sua reação e as providências imediatas quanto à questão? 4- Quais os transtornos causados na sua vida pessoal / pública? 5- Você procurou a delegacia? Como anda o processo / investigação / denúncia? 6- Como foi o seu atendimento na delegacia? Foi bem tratado? 7- A pessoa que praticou o crime foi identificada? Era do seu convívio? Se sim, como se sentiu ao descobrir? O que ela alegou? 8- Você acha que uma pessoa pública teria atenção maior ao caso, por parte da imprensa e da polícia? 9- Você precisou ou procurou ajuda psicológica? 10- Acha que as punições aplicadas para esse tipo de crime são suficientes? O que mais deveria ser feito?

11- Depois do ocorrido, modificou alguma coisa na sua relação com a internet? O que diria para quem foi vítima? E que conselho daria para que as pessoas não se tornem vítimas de *cyberbullying*?

- Para a Psicóloga:

- 1- Como identificar se uma pessoa está sendo vítima de *cyberbullying* e o que é preciso fazer para ajudá-la da maneira correta?
- 2- Quais as consequências para quem sofre *cyberbullying*? (Seja criança, jovem ou adulto).
- 3- Como a psicoterapia pode ajudar as vítimas?
- 4- As pessoas que praticam *cyberbullying* têm um perfil traçado? Também deve receber ajuda psicológica? Como funciona?
- 5- Quais as principais diferenças no tratamento segundo a idade da vítima?
- 6- Como a vítima de *cyberbullying* deve lidar com o problema? Em que momento deve buscar ajuda e que tipo deve procurar?

- Para o delegado:

- 1- Como o *cyberbullying* é tipificado no Código Penal? É crime? O que o caracteriza?
- 2- Qual a pena que uma pessoa que pratica *cyberbullying* pode sofrer perante a Justiça? O agressor pode ser preso?
- 3- Quem compartilha e divulga uma ocorrência de *cyberbullying* também pode ser punido?
- 4- Quais as modalidades de *cyberbullying* mais registradas em Alagoas?
- 5- Há alguma modalidade que tenha uma pena maior para o agressor?
- 6- Como a pessoa pode evitar ser vítima de *cyberbullying*?
- 7- O que uma pessoa deve fazer ao ser vítima de violência virtual?
- 9- Como é o atendimento às vítimas na delegacia?

Sugestões de mídias:

- Registrar parte dos relatos dos entrevistados em áudio e vídeo;
- Tirar uma fotografia de cada fonte para compor a matéria;
- No caso da fonte que não quer ser identificada, ter cuidado ao fazer registro de áudio e vídeo, cuja voz deve ser alterada e imagem desfocada. As fotografias devem ser registradas de maneira que não a identifique.

Outras dicas:

Fazer infografias de dados e demais informações para compor a reportagem. Editar bem áudios e vídeo a serem anexados.